Revisto Aeronáutica

ISSN 0486-6274 Número 295



PRESIDENTE

Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa

1º Vice-Presidente

Maj Brig Int Altevo Volotão

2º Vice-Presidente

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

www.caer.org.br revista@caer.org.br

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Central

Cel Av Pedro Bittencourt de Almeida

Sede Barra

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Sede Lacustre

Cel Int Ricardo José Clemente

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente - Ten Brig Ar Paulo Roberto Cardoso Vilarinho **CONSELHO FISCAL**

Presidente - Brig Int João Carlos Fernandes Cardoso

DEPARTAMENTOS

SEDE CENTRAL

Cultural

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Cel Int Júlio Sérgio Kistemarcher do Nascimento

Administrativo/Beneficente

Cel Av João Carlos Gonçalves de Sousa

Centro de Tecnologia e Informação - CTI

Ten Cel Int Franklin José Maribondo da Trindade

Patrimonial / Secretaria Geral

Cap Adm Ivan Alves Moreira

Iurídico

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

Assessor Especial da Presidência, do Dep. Social e do Hotel Produção Editorial e Design Gráfico

Cel Av Ajauri Barros de Melo

Assessor Especial da 1ª Vice-Presidência

Ten Cel Int Francisco Barbosa Cordeiro Neto

SEDE BARRA

Desportivo

Brig Ar Paulo Roberto de Oliveira Pereira

Aerodesportivo

Cel Av Romeu Camargo Brasileiro

Operações e Coordenador Técnico

Ten Cel Av José Carlos da Conceição

Assessores

Financeiro - Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado Social - Cel Av Verner Menna Barreto Stock Administrativo e de Pessoal - Cel Av Luiz dos Reis Domingues Infraestrutura - Ten Cel Av Alfredo Iosé Crivelli Neto



ISSN 0486-6274

Sede Central

Praça Marechal Âncora, 15 Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200

• Tel.: (21) 2210-3212

3ª a 6ª feira de 9h às 12h e 13h às 17h

Sede Barra

Rua Raguel de Oueiroz, s/nº Rio de Janeiro - RJ - CEP 22793-710

• Tel.: (21) 3325-2681

Sede Lacustre

Estrada da Figueira, nº I Arraial do Cabo - RJ - CEP 28930-000

• Tel.: (22) 2662-1510

REVISTA DO CLUBE DE AERONÁUTICA

Tel.: (21) 2220-3691

Diretor e Editor

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Conselho Editorial

Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa Cel Av Manuel Cambeses Júnior Jornalista João Victorino Cel Av Araken Hipolito da Costa

Iornalista Responsável

Ioão Victorino Ferreira

Rosana Guter Nogueira

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio Pereira da Silva

Revisão

Ten Cel OFO Dirce Silva Brízida

Secretárias

Juliana Helena Abreu Lima Isis Ennes Pestana Santos Gabriela da Hora Rangel

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial. As matérias são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.



Gripen

Baixe um leitor de QR code em seu celular, fotografe o código ao lado e você poderá ler, fazer download ou compartilhar esta revista pela internet.



Índice

- 4 MENSAGEM DO PRESIDENTE Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa
- 6 NOTÍCIAS DO CAFR Redação
- 12 A ESPERANCA VIROU REALIDADE Maj Brig Ar José Roberto Scheer
- 15 A MARCA DA CULTURA FRANCESA NO BRASIL Angela F. Perricone Pastura Professora
- 16 A AMÉRICA LATINA NO ATUAL CENÁRIO MUNDIAL Manuel Cambeses Júnior Cel Av
- 18 o estado mastodôntico: O PODER DOS PODERES Ives Gandra da Silva Martins Jurista
- 23 O HOMUNCULUS EM PEDACOS Cardeal Ratzinger - Bento XVI
- 26 O PENSAMENTO BRASILEIRO NA UNIVERSIDADE DA FORCA AÉREA Paulo Raimundo Pereira Santos Jornalista
- 29 A VIDA VALE MAIS DO QUE A FILOSOFIA. INVERTER AS PRIORIDADES É MORTAL Marcio Tavares D'Amaral Filósofo

- **OPORTUNIDADES** O FUTURO NO PRESENTE Afonso Farias
- 32 OUAL FILOSOFIA POLÍTICA? Francisco Martins de Souza
- 37 O ROTEIRO DA FEB NA CAMPANHA DA ITÁLIA Cláudio Skora Rosty Cel Inf
- 41 MILITARES OLÍMPICOS Míriam Leitão com Marcelo Loureiro Jornalistas
- 42 A BATALHA OUE EU PERDI Ten Brig Ar Sergio Pedro Bambini
- 44 DOS LIMITES DA RESPONSABILIDADE DE HENRI PITOT Luiz Carlos Rodriguez Rodriguez Cel Av
- 46 A CHEGADA DAS VACAS Ernv Benhard Müller
- 51 MELANOMA O GRANDE VILÃO Mai Brig Méd Ricardo Luiz de G. Germano

MENSAGEM DO PRESIDENTE



Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa Presidente do Clube de Aeronáutica

O Clube de

dia 29 de novembro do corrente foi marcado pela conclusão do VII Curso do Pensamento Brasileiro. Tal atividade permite a nossos associados e convidados um aprofundamento cultural da formação da nação brasileira, com ênfase na participação do Ministério da Aeronáutica, atual Comando da Aeronáutica, no processo de identidade, integração e desenvolvimento de nosso país.

Ainda na parte cultural, as edições da Revista Aeronáutica, cujo conteúdo e arte

vêm sendo alvo do reconhecimento por diversas personalidades que têm acesso à publicação.

O setor social se intensificou na Sede Barra e na Sede Central, ambas com instalações recentemente modernizadas, apresentações de conjuntos musicais muito prestigiadas por associados e convidados.

O Clube de Aeronáutica foi solicitado a participar do apoio aos Jogos Olímpicos em 2016, em virtude da excelente localização de suas sedes, quer para acomodação dos par-

Aeronáutica em 2016

ticipantes estrangeiros quer para treinamento de equipes no nosso complexo esportivo.

Para isso, na Sede Barra da Tijuca, foram reformados e construídos três campos de futebol rugby, uma pista de atletismo e um ginásio poliesportivo, bem como toda a infraestrutura de rede elétrica, distribuição de água, esgoto e vestiário.

Na Sede Social, no Centro, foram concluídas a reforma dos deques da piscina, a pavimentação das vias de acesso, os restaurantes, os salões de festas, e uma moderna academia de ginástica. O hotel modernizou suas instalações com colchões, roupa de cama, e um sistema reserva de ar-condicionado.

O Departamento Aerodesportivo concluiu o registro, a homologação e a revisão do sistema de drenagem da pista de pouso Ten Brig Ar Waldir de Vasconcelos. Foram construídos dois hangares com capacidade para abrigar vinte e cinco aeronaves ultraleves cada um.

O ano de 2016 constitui-se, portanto, em um período marcante para o Clube de Aeronáutica e seus Associados, que poderão desfrutar de todo legado obtido em ambas as sedes

NOTÍCIAS do CAER

70 ANOS DO CLUBE





DE AERONÁUTICA

o dia 16 de setembro de 2016, o **Clube de Aeronáutica** organizou uma grande comemoração em homenagem aos setenta anos de criação do CAER. O evento contou com muitos convidados, sócios e autoridades que prestigiaram o Baile de Gala.

Para entreter os presentes, foram contratadas duas bandas, a *Banda Sigilo* e a *Bons Tempos*. Cada uma delas, com seu estilo próprio, animou o Baile do início ao fim.

Um ponto à parte foi o um delicioso bufê da renomada *Ecila Antunes*, contratada especialmente para o evento.

Outro detalhe também muito elogiado foi a decoração, que ficou a cargo de Carlos Lamoglia e sua *Unifesta Rio*. O seu trabalho, de primeira qualidade, criou o ambiente propício para que todos os presentes se divertissem bastante.

Foi uma noite inesquecível, que ficará por muito tempo na memória de todos.

Ao fim da noite, o Presidente do Clube, Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa, agradeceu a presença de todos, enalteceu a importância do evento e conclamou os sócios a conhecer tudo o que o Clube de Aeronáutica tem a oferecer.







NOTÍCIAS

O CÉU DA ITÁLIA

No dia 9 de novembro próximo passado, foi lançado no Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER) o livro *O Céu da Itália*, de autoria de Flávio C. Kauffmann.

O autor é oficial da reserva da Força Aérea Brasileira (FAB), esportista e empresário de Aviação. Foi piloto de caça e comandante do Esquadrão Jambock. É seu primeiro livro. Trata-se de um denso romance épico da Aviação brasileira, ambientado na Segunda Guerra Mundial. Para o lançamento no INCAER foi recriado todo o cenário da época: música e imagens remeteram os presentes ao ano de 1943. Essa iniciativa interessante e inédita prendeu a atenção de todos.

Apoiado em fatos e vultos históricos, a trama acompanha a trajetória de um piloto da FAB a partir de 1943, quando este se apresenta como voluntário para combater nos céus da Itália, integrando o Primeiro Grupo de Aviação de Caça. A maior parte da ação se passa aos pés dos Alpes Lombardos, na área do Lago de Guarda, ao norte da Itália, onde o protagonista. após ser abatido em voo, encontra o amor de uma bela mulher, sem, contudo, deixar de combater junto ao grupo de rebeldes locais. Por sua vez, representa uma elegante obra de aventura ao referir-se à literatura, aos vinhos e à música clássica da época. O leitor se sente verdadeiramente na cabine de pilotagem de um avião de combate.

Publicado pela Editora Barra Livros, *O Céu da Itália* foi selecionado pelo INCAER para integrar a Coleção Aeronáutica daquele Instituto, e estará disponível para venda a partir de 20 de novembro pelo site *www.oceudaitalia.com.br.*

Os direitos autorais provenientes da venda serão doados em sua totalidade ao Museu Aeroespacial, no Campo dos Afonsos.



Da esq. para a dir.: Ten Brig Ar Marco Aurélio Gonçalves Mendes; Maj Brig Ar Álvaro Luiz Pinheiro da Costa; Cel Av Reinaldo Peixe Lima; Maj Av Murilo Grassi Salvatti; Cel Av Sérgio Ribeiro; Brig Ar Teomar Fonseca Quírico; Cel Av Araken Hipolito da Costa; Roberto Cezar Salvado Fleury Curado

o dia 6 de outubro de 2016, o Maj Av Murilo Grassi Salvatti, da III FAE, a convite da Associação Brasileira de Pilotos de Caça (ABRA-PC), ministrou no Clube de Aeronáutica uma palestra sobre o Emprego de Bombas guiadas a laser e os novos Conceitos das Ações de Força Aérea relacionadas ao Apoio de Fogo em Operações Conjuntas.

Na ocasião, o Maj Salvatti discorreu sobre o histórico do emprego de bombas guiadas no mundo, atualizando a audiência sobre os aspectos da geometria de emprego de bombas guiadas e os fatores de sucesso no emprego desse tipo

de armamento, bem como a situação atual na Forca Aérea Brasileira (FAB).

A parte final da explanação atualizou a plateia sobre os novos conceitos das ações de Controladores Aéreos Avançados — CAA, Guias Aéreos Avançados — GAA e Apoio Aéreo Avançado — ApAA no âmbito do Ministério da Defesa, assim como as novas doutrinas de emprego ar-solo na FAB.

A audiência, composta por militares da reserva da Força Aérea teve a oportunidade de atualizar conhecimentos, estreitar os laços com os militares mais jovens e compartilhar experiências entre diversas gerações da Aviação de Caça brasileira.

ENSINO AERONÁUTICO

No dia 3 de novembro, o Ten Brig Ar Dirceu Tondolo Nôro apresentou a palestra sobre Ensino Aeronáutico para cerca de cinquenta participantes do Curso do Pensamento Brasileiro, coordenado pelo Diretor do Departamento Cultural, Cel Av Araken Hipolito da Costa.

Estavam presentes, da esq. para a dir., o Maj Brig Ar Walacir Cheriegate; o Maj Brig Int Altevo Volotão, 1º Vice-Presidente do Clube de Aeronáutica; o Brig Ar Clóvis Athayde Bohrer, ex-Comandante da AFA (Academia de Força Aérea); o Ten Brig Ar Carlos Almeida Baptista, ex-Comandante da Aeronáutica; Ten Brig Ar Dirceu Tondolo Nôro; o Presidente do Clube de Aeronáutica, Maj Brig Ar Marcus Vinicius Pinto Costa; o Maj Brig Ar José Roberto Scheer, do INCAER (Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica) e o Cel Av Araken Hipolito da Costa.

Após a palestra, o Ten Brig Ar Nôro agradeceu a presença de todos. O Presidente do Clube reuniu as principais autoridades presentes e as convidou para o almoço, onde puderam debater suas ideias.



do CAER

CEL AV IVAN VON TROMPOWSKY DOUAT TAULOIS IN MEMORIAM

Trompowsky Douat Taulois.

Oficial Aviador de destaque na História da Aeronáutica brasileira, foi designado, em maio de 1972, com mais sete oficiais aviadores da Força Aérea Brasileira (FAB) a embarcar para a França, a fim de realizar o curso de Mirage III (F-103). A aeronave foi adquirida pelo Brasil para utilização na Defesa Aérea. Era, portanto, um dos pilotos com a missão de trazer para o Brasil todo o conhecimento operacional dos F-103 e repassá-lo aos caçadores brasileiros.

O Cel Trompowsky contribuiu inúmeras vezes com a *Revista Aeronáutica*, escrevendo diversos artigos dos mais variados assuntos sobre a FAB.

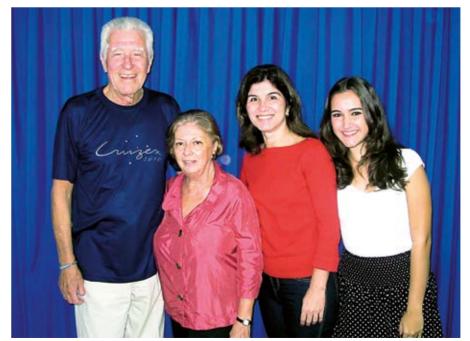
Mais recentemente, estava continuamente presente no Curso do Pensamento Brasileiro, acompanhado de sua esposa,



Jaguar 5

filha e neta, para assistir às palestras das terças-feiras.

A personalidade alegre do querido caçador Trompowsky deixará saudades nos amigos.



Da esq. para a dir.: Cel Av Ivan Von Trompowsky Douat Taulois, Eliana Lassance Salles Trompowsky Taulois, Andrea Salles Trompowsky Taulois e Camilla Trompowsky Taulois Silveira

MENSAGEM DOS LEITORES

Senador Ronaldo Caiado agradece a gentileza do envio do exemplar nº 294 e parabeniza pela qualidade da Revista Aeronáutica

Alm Esq Carlos Augusto de Souza – Ministro do STM – parabeniza o trabalho da revista nº 294, agradece a gentileza do envio e classifica a revista de muito bom gosto.

Gen Ex Odilson Sampaio Benzi – *Ministro do STM* – agradece o envio do exemplar nº 294, destacando o apreço e consideração ao diretor da Revista.

Ministro Artur Vidigal de Oliveira

– STM – agradece a gentileza do envio
do exemplar nº 294 e elogia a iniciativa
e qualidade das matérias apresentadas.

Alm Esq Alvaro Luiz Pinto – Ministro do STM – agradece cordialmente o recebimento da edição nº 294 e parabeniza todos os envolvidos na publicação.

Gen Ex Luís Carlos Gomes Mattos

 Ministro do STM – cumprimenta pelo excelente trabalho e agradece, sensibilizado, a consideração na remessa da Revista Aeronáutica nº 294.

Sra. Maria Angela Alves Lopes
Sampaio – Agradece com satisfação
a oportunidade oferecida pelo Clube de
Aeronáutica, por meio do Departamento
Cultural, oferecendo aos participantes
do Curso do Pensamento Brasileiro
refletirem sobre a complexidade do
processo de formação do Pensamento
Brasileiro.

NOTA DO EDITOR

Agradecemos as manifestações dos leitores, estendendo nossa gratidão aos colaboradores, que valorizam as nossas edições, deixando-lhes espaço aberto para o envio de textos.

NOTÍCIAS

do CAER





o dia 21 de outubro, o Clube de Aeronáutica teve a honra de sediar, na sua Sede Central, o famoso e tradicional Baile do Aviador.

No Salão Marechal Ivo Borges havia aproximadamente 700 convidados elegantemente fardados ou em traje *black tie*. O bufê de alto padrão e a decoração estonteante criaram o clima propício para que a noite fosse perfeita. Ao som da Banda Radiohits, os convidados dançaram e se divertiram animadamente num raro encontro que reuniu amigos de sempre.

O Comandante do Terceiro Comando Aéreo Regional, Maj Brig Ar José Euclides da Silva Gonçalves, fez os agradecimentos de praxe e parabenizou todos os aviadores pelo transcurso do Dia do Aviador, sendo logo após cantado o Hino do Aviador.

Para fechar a noite de gala com chave de ouro, ao final, foram sorteados brindes aos convidados.







Maj Brig Ar José Roberto Scheer Subdiretor de Cultura do INCAER scheerjs@gmail.com

o passar dos anos, a Cultura foi evoluindo em seu conceito e modo de interpretação, tornando-se instrumento da identidade de um povo como sociedade e como Nação, sendo considerada atualmente como área estratégica para o desenvolvimento do país.

A Cultura é hoje concebida como base de qualquer tipo de desenvolvimento, inclusive o econômico. No Brasil, tem ocupado posição de destaque no centro do debate político e inspirado iniciativas no sentido de fortalecer as políticas públicas que tratam do tema.

Assim, tratar a Cultura na sua dimensão mais ampla, como instrumento de concepção da alma de um povo, como condição de vida e exercício da cidadania, é uma responsabilidade de Estado.

Ressalta-se que preservar as tradições, a memória e os valores morais, culturais e históricos é mandamento definido na Carta Magna. A Constituição do Brasil de 1988, em seus artigos 215 e 216, garante a todos os brasileiros o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional.

Como visto nas atribuições constitucionais, a partir das quais foi gerada a Missão do Comando da Aeronáutica, entende-se que defender a Pátria significa, também, assegurar o respaldo para a manutenção da integridade dos bens tangíveis, dos recursos materiais, assim como dos intangíveis, que são os princípios e valores que constituem o patrimônio nacional.

Ainda neste aspecto, a criação do Sistema Federal de Cultura, em 2005, e a instituição do Plano Nacional de Cultura, em 2010, promoveram o impulso gerador de ações, acolhido de pronto pela nossa Instituição.

Neste contexto, aliado com a necessidade de promover o enriquecimento intelectual do nosso público interno e externo, estimular a propagação de nossos valores e consolidar a imagem da Instituição junto à sociedade brasileira, e alinhado com a legislação mencionada, o Comando da Aeronáutica, possuidor de um inestimável patrimônio cultural, instituiu, pela Portaria nº 119/GC3, de 26 de fevereiro de 2010, o seu sistema de gestão cultural: SISTEMA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO COMANDO DA AERONÁUTICA (SISCULT), com a finalidade de planejar, orientar, coordenar e controlar as atividades culturais no âmbito da Força Aérea.

Essa mesma legislação atribuía ao Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER) a missão de ser o Órgão Central do novo Sistema, bem como todas as organizações da estrutura organizacional do Comando da Aeronáutica (COMAER) seriam seus elos.

Assim, o Comando da Aeronáutica se insere no contexto do cenário cultural, participando agora do Sistema Nacional de Cultura. Este importante passo foi o coroamento de estudos que apontavam para a necessidade da Instituição dispor de um instrumento legal que adotasse as ações pertinentes para preservar a memória, as tradições e as crenças, bem como catalogar todo o acervo material e imaterial, tendo como base a legislação vigente.

No primeiro momento, em 2010, o planejamento foi traçado e a busca pela conquista das ações decorrentes revelou-se intensa, constituindo-se numa longa estrada, quando, cada passo, a cada dia, ia sendo galgado de forma muito cuidadosa, tendo em vista que o assunto — Cultura — merecia um tratamento tão destacado na Força Aérea Brasileira (FAB).

A Portaria nº 119/GC3, em seu parágrafo único, definiu que as atividades inerentes ao SISCULT são as relacionadas com:

I – Patrimônio Histórico Material e Imaterial;

II – Museologia;

III – Heráldica:

IV – Documentação Histórica;

V – Literatura:

VI – Música:

VII – Arquitetura;

VIII – Produções Artísticas;

IX – Tombamento:

X – Tradições, Usos e Costumes,
 Crenças, Valores, Ações Históricas e
 Quotidianas: e

XI – Cerimonial.

E, o seu Art. 2º diz que o SISCULT visa:

I – ampliar a capacidade de gerenciamento de assuntos relacionados com a Cultura no âmbito do COMAER;

II – disciplinar as ações do Sistema, convertendo-as em fatores de capacitação, coesão e motivação da Força;

III – racionalizar os recursos materiais e humanos na gerência de assuntos culturais;

IV — integrar-se com os demais Sistemas do COMAER, utilizando-se de seus recursos ou fornecendo-lhes suporte para a consecução de suas finalidades normativas:

V – integrar-se com os Sistemas e Órgãos externos, públicos ou privados, no trato de assuntos culturais de interesse do COMAER e da sociedade brasileira;

VI – promover o desenvolvimento cultural no âmbito do COMAER: e

VII – ampliar o conhecimento aeronáutico junto ao público interno e externo, por meio da divulgação do patrimônio histórico e cultural do Comando da Aeronáutica.

Um Sistema precisava existir... e estava sendo implantado. Recursos humanos chegavam pouco a pouco, iam se adaptando, recebendo conselhos, pesquisando, visitando órgãos, tudo ao mesmo tempo, visando adquirir conhecimentos indispensáveis para apresentar os resultados requeridos.

As primeiras legislações eram aprovadas. O receio inicial pelo desafio do novo dava lugar ao entusiasmo crescente pelas poucas, mas importantes e inusitadas conquistas. Dispúnhamos, agora, de forma pioneira na nossa história, de uma Política Cultural e de uma Estratégia de Cultura, para que a Força Aérea possa ter um horizonte palpável nesse aspecto.

Foi elaborada uma Norma para a organização e o funcionamento do Sistema e, daí em diante, para cada atividade listada na sua Portaria de criação — nº 119/GC3, de 26 de fevereiro de 2010 — haveria, pelo menos, uma legislação que a amparasse.

E assim foi.

Mais pesquisas, mais visitas, mais estudos e muito mais trabalho e produção.

Na medida em que Instruções, Almanaques e Manual eram disponibilizados para o público aeronáutico, passou-se a divulgar esses resultados, para que os componentes do COMAER soubessem o que estava ocorrendo e valorizassem a importância do trabalho que estava em desenvolvimento, já que ele era voltado para a própria História da FAB, respondendo a muitos porquês do passado, revelando o seu caráter e personalidade.

E mais pessoas especializadas com as atividades do Sistema iam engrossando as nossas fileiras, e mais, tudo ia saindo do campo das ideias, transformando-se em vida.

Em certos momentos, era difícil conter a vibração do grupo pelos resultados alcançados e, à medida que íamos realizando palestras nas nossas escolas, organizações e entidades civis, recebíamos mais estímulos, pois o universo que visitávamos desconhecia que a Força Aérea tinha um Sistema que cuidava da sua Cultura e que, tão importante quanto isso, se orgulhava dessa conquista e se autoalimentava de mais motivação. Era um ideal se materializando.

Para executar todas as atividades impostas pelo Sistema e fazê-lo operante, a seguinte legislação foi elaborada e encontra-se à disposição da Força:

– DCA 14-11 Política Cultural do COMAER:

- DCA 15-2 Estratégia de Cultura do COMAER:
- NSCA 900-1 Organização e Funcionamento do SISCULT;
- ICA 906-1 Atividade de Música no COMAER:
- ICA 904-1 Registro de Fatos Históricos e Pesquisa Historiográfica no COMAER:
- ICA 903-1 Símbolos Heráldicos no COMAER;
- ICA 903-2 Espaços Culturais no COMAER:
- ICA 902-1 Preservação do Patrimônio Cultural no COMAER;
- ICA 900-4 Preservação dos Bens
 Culturais de Organizações Militares
 Transferidas e Desativadas do COMAER;
- ICA 900-3 Projetos Culturais no COMAER;
- ICA 902-2 Homenagem Permanente a Alberto Santos-Dumont no COMAER;
- ICA 905-1 Produções Literárias no COMAER:
- ICA 907-1 Produções Artísticas
 no COMAER:
- ICA 904-2 Preservação da História em Missões Operacionais do COMAER; e
- MCA 902-1 Thesaurus do Patrimônio Cultural do COMAER.

Hoje, os números do Sistema são expressivos, para quem tem apenas seis anos de vida. Além da mencionada legislação disponibilizada, foram 22 (vinte e dois) hinos e canções que tiveram suas execuções padronizadas; são 82 (oitenta e dois) símbolos heráldicos aprovados, entre emblemas, estandartes, distintivos de condição especial, distintivos de cursos e símbolos comemorativos; 156 (cento e cinquenta e seis) organizações da FAB receberam visitas de assessoramento técnico de profissionais do INCAER; 40 (quarenta) palestras foram realizadas em organizações da FAB e órgãos civis, em muitas cidades, destacando-se a nossa participação no Terceiro Congresso Internacional de Heráldica Militar, como palestrante-convidado pela Direção de História

e Cultura Militar do Exército Português, em Lisboa (Portugal); fizemo-nos presentes em 48 (quarenta e oito) eventos ligados à Cultura Aeronáutica; foram 28 (vinte e oito) pesquisas históricas para organismos civis e militares, sendo que algumas redundaram em 11 (onze) publicações sobre a História da Aeronáutica brasileira: além de várias participações nas Bancas Examinadoras dos exames de seleção para o ingresso de músicos no COMAER e no Quadro de Oficiais Convocados, bem como a aquisicão, tanto no exterior como no mercado nacional, e a distribuição de instrumentos musicais para as nossas Bandas de Música e Marciais.

Concluiremos o ano de 2016 a um passo de ver o SISCULT totalmente implantado. Estará faltando tão-somente o recebimento do aplicativo informatizado (e-SISCULT), que está sendo desenvolvido e permitirá a dinamização das ações relacionadas ao Inventário, à Custódia e ao Cadastro dos nossos bens culturais, bem como ao amplo e irrestrito acesso de todo o efetivo a tudo que está relacionado à Cultura Aeronáutica no COMAER. Finalmente, conheceremos e divulgaremos os nossos bens culturais materiais e imateriais.

Há cinco anos, só falávamos de perspectivas. Hoje, falamos do presente e de presente.

Do presente, porque estamos alinhados com ele, tendo um Sistema atualizado, que nos serve, idealizado e construído pela Instituição, que nos atende e permite pronta-resposta quando de questionamentos sobre assuntos de Cultura. Para o SISCULT o futuro é hoje.

E, de presente, porque ganhamos essa dádiva que foi planejar e implantar um Sistema que nos orgulha.

Maquiavel disse que: Onde há uma vontade forte, não pode haver grandes dificuldades. E nós, do INCAER, nunca quisemos que houvesse grandes dificuldades, porque nós as tornamos pequenas, para que pudéssemos transpô-las.

O INCAER agradece o presente e retribui disponibilizando-o a você Angela F. Perricone Pastura
Professora da PUC/RJ
angelafpp@terra.com.br

A MARCA DA CULTURA FRANCESA, NO BRASIL

o início deste século, a influência da cultura francesa sobre a brasileira se fez sentir na moda, nos costumes, no vocabulário e no comportamento da elite carioca. Havia, àquela época, um clima na sociedade, que tomava, como seus, os valores culturais do exterior. Pedro Nava resume bem, dizendo: A cultura brasileira é praticamente nascida da portuguesa, mas fecundada na maneira mais favorável pela francesa que dominou aqui, no terreno das artes e da ciência, sobre todas as sabedorias do resto do mundo.

De fato, há inúmeras constatações das nossas ligações com o país de Molière. Nos primórdios do Rio de Janeiro, a vila foi francesa, antes de ser portuguesa ou brasileira. E o fator desencadeador de sua fundação foi, justamente, a presença do francês na colônia portuguesa. Alguns dos homens de Villegagnon foram, sem dúvida, devorados pelos tupiniquins na fracassada experiência da França Antártica.

Assim, o estilo que melhor caracteriza a relação do carioca com o francês é a antropofagia, nas palavras de José Murilo de Carvalho. Já no século XIX, a antropofagia se voltou para a deglutição e assimilação de roupas, perfumes, estilos, palavras, livros, ideias que vinham de lá, enriquecendo nosso imaginário.

Mas já isso fora herdado de Portugal, de nossa própria metrópole. D. João VI, ao se transferir para o Brasil em 1808, fugindo das tropas de Napoleão, embelezou o reino tropical com as artes do país de Rimbaud. Depois de criar a Imprensa Régia, a Biblioteca Nacional, a Escola de Engenharia Militar, o Jardim Botânico, a Escola de Medicina, o monarca português fundou a

ros partiam ao Velho Mundo. Entre eles, o culto Imperador D. Pedro II, grande amigo de Victor Hugo.

O francês passou a ser a segunda língua da elite brasileira, livros franceses eram adotados e vendidos no Rio e em São Paulo. Foi este o principal instrumento da aprendizagem até perto da Segunda Guerra Mundial, sem contar os colégios franceses, em que estudavam as moças ricas.

A República chegou e, após os presidentes-marechais, governantes civis construíram uma capital moderna inspirada na reforma de Paris realizada por Haussmann, em meados do século XIX. É a França, sempre presente no processo cultural brasileiro, deixando, no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, seus signos na Belle Époque.

Porém, as coisas foram mudando e a marca gaulesa começou a declinar, a ponto de tornar-se supérfluo o ensino de seu idioma. *Podemos estar sempre nos abrindo para algo novo, mas a cultura francesa é duradoura*, afirma Heloísa Lustosa, a então diretora do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio.

Sou uma professora de Francês que resiste à hegemonia norte-americana. Talvez, tenha que inventar uma Paris de faz-de-conta, como D. J. no conto de Roberto Drummond, que transformou o sótão do sobrado onde morava numa Paris de papel e deixou uma janela no teto para as estrelas de Paris.

Mas – como D. J. – pode ser que tenha de *voltar no primeiro samba, num frevo tocando e até mesmo, quem sabe, num grito de gol* ■



Com a Independência, causada,

também, pelas ideias liberais pregadas na

França, o sentido das correntes culturais

inverteu-se. Ao invés de as expedições

francesas aportarem aqui, muitos brasilei-

→ 14

A AMÉRICA LATINA NO ATUAL CENÁRIO MUNDIAL

Manuel Cambeses Júnior

Cel Av

Membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e conselheiro do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica

mcambesesjr@gmail.com

ranscorreram apenas 27 anos desde a queda do Muro de Berlim, depois de 28 anos de existência, e a ingênua e efêmera euforia dessa época converteu-se em um passado remoto. A Nova Ordem Mundial, embasada na unipolaridade e na Pax Americana, que despertou as ilusões de alguns e os temores de outros, encontra-se profundamente desgastada e esquecida, juntamente com os jornais da época da primeira Guerra do Golfo. Samuel Philips Huntington, influente economista americano, em um interessante artigo publicado na revista Foreign Affairs, intitulado *A Superpotência Solitária*, afirma que estamos vivendo um sistema internacional de transição, ou seja, um estranho híbrido a que ele batizou de unimultipolar.

Em sua ótica, o momento unipolar já expirou e, dentro de duas décadas, ingressaremos em um verdadeiro sistema multipolar. Segundo o estrategista de política externa americana Zbigniew Kazimierz Brzezinski, os Estados Unidos serão a primeira, última e única superpotência global. Nesse período transitório, esse portentoso país continuará sendo o único com preeminência em todas as dimensões do poder, em suas diversas expressões: política, econômica, social, ideológica, militar, tecnológica e cultural, com o alcance e a capacidade de promover os seus interesses, em nível global.

Entretanto a solução dos problemas fundamentais do sistema requer, necessariamente, a ação conjunta da superpotência e de alguma combinação com outras grandes potências. Os Estados Unidos mantêm, no momento, o direito de veto nos assuntos de maior relevância internacional. Várias potências regionais estão fortalecendo suas posições em suas esferas de atuação geopolítica: a China e, potencialmente, o Japão, na Ásia Oriental; a União Europeia, liderada, em minha opinião, pela Alemanha, ainda quando encontramos quem advogue a liderança de um condomínio franco-alemão; a Rússia, na Eurásia; a Índia, no sul da Ásia; o Irã, na Ásia Sul-Ocidental; a África do Sul e a Nigéria, no continente africano; e o Brasil, na América Latina.

Estamos, portanto, vivendo um período de transição e, como sói acontecer, toda mudança sempre implica em contradições e riscos. A globalização econômica e o cosmopolitismo cultural ocorrem, conjuntamente, com um extraordinário ressurgimento do medo e da desconfiança com o diferente, com o estranho e com o desconhecido. Assistimos ao retorno do tribalismo, dos etnicismos, da xenofobia, da misoginia, dos racismos e dos fundamentalismos religiosos. Estas forças desintegraram a União Soviética, pulverizaram a lugoslávia, dividiram a Checoslováquia e converteram em estados fracassados alguns países como Congo, Afeganistão, Libéria, Somália, Ruanda e Serra Leoa, entre outros. A Indonésia e vários países da Ásia Central correm o risco de cair no mesmo despenhadeiro. As forças da desagregação assolam, também, países avançados como Canadá, Bélgica e Espanha. A América Latina, felizmente,

até o presente momento, não tem sofrido, de forma avassaladora, a pressão dessas forças centrífugas, ainda que alguns Estados com grande proporção de populações indígenas se descurem em prevenir-se contra potenciais explosões raciais e étnicas.

Vivemos em um mundo perigoso, no qual a soberania, já bastante limitada, dos pequenos e médios Estados, vê-se cada vez mais ameaçada, não somente pela presença das grandes potências e pelas forças secessionistas, mas, também, pelo crescente poder globalizado das máfias, da criminalidade organizada, dos grupos terroristas de cunho fundamentalista e pelas seitas apocalípticas. Para reduzir nossa vulnerabilidade frente a essas ameacas é imprescindível, em primeiro lugar. que nos fortaleçamos internacionalmente, aumentando a capacidade da sociedade e o potencial do Estado brasileiro. Isto implica, fundamentalmente, num verdadeiro estado de direito. Sem a consolidação do império da lei, sem segurança jurídica e sem regras econômicas bastante claras e estáveis. não existirá criação de riqueza, somente distribuição desigual da miséria.

Certamente não haverá um projeto histórico mais ou menos autônomo para a América Latina, neste alvorecer do terceiro milênio, sem a imprescindível unidade e coesão dos estados-membros. Ademais, é urgente e necessário que transformemos a integração latino-americana em um imperativo geopolítico, se desejamos deixar de ser considerados exóticos e marginais espectadores no tabuleiro do poder mundial



O ESTADO MASTODÔNTICO:

O PODER DOS PODERES

Ives Gandra da Silva Martins

Advogado, professor emérito da Universidade Mackenzie, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra. É presidente do Conselho Superior de Direito da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FECOMERCIO)

No modelo ideal de democracia, o cidadão deveria ser o senhor absoluto de todos os direitos sobre os governantes e estes, apenas seus servidores.

Mas isso está bem distante do retrato que os políticos apresentam hoje no mundo inteiro. A democracia atual é apenas menos ruim que a ditadura



Estado moderno é um Estado mastodôntico. Seja desenvolvido, seja emergente, o Estado moderno é mais do que a sociedade. Pesa-lhe mais do que lhe presta serviços. Não representa o desejo de seu povo, mas sim de quem detém o poder. A democracia que o caracteriza é apenas a democracia de acesso. O eleitor é chamado a votar e depois não tem mais participação nas decisões do governo.

Há, por lado, por parte de parcela da mídia uma forte tendência a valorizar os governos socialistas e a desvalorizar os governos de economia de mercado, até por força de uma realidade na qual os jornalistas nada têm a perder, de um lado, e a livre concorrência nada tem que ver com a ideologia propriamente dita, de outro.

A preferência ideológica de muitos intelectuais pela esquerda é de rigor, uma preferência psicológica, fartamente enraizada numa inveja subconsciente, ou seja, de não se ter o mesmo sucesso que outros têm, em função da falta de criatividade dos outros, isto é, aqueles que têm permitido o progresso da sociedade. Deseja-se retirar recursos de quem soube ganhar, trabalhando, justificando tal *ideal* com o rótulo de *distributivismo*. É mais fácil, portanto, ser de esquerda do que de direita, quando os que invejam os bem-sucedidos não conseguem ter o mesmo nível de sucesso.

A tendência, por outro lado, dos governos de esquerda de controlarem a mídia decorre do desconforto de terem suas mazelas expostas pelo jornalismo investigativo.

É de lembrar, entretanto, que a corrupção, o clientelismo e a ineficiência dos governos de esquerda têm menor repercussão que o mesmo triste fenômeno, quando ocorre nos governos de direita. O episódio do Mensalão foi uma exceção,

graças ao equilíbrio de poderes que a Constituição garantiu. Simone de Beauvoir, no seu livro *Os Mandarins* (Editora Nova Fronteira, 2002), mostrava como na França do pós-guerra tudo justificativa o ataque à direita, mesmo quando não merecia, e tudo justificava esconder os defeitos da esquerda, mesmo quando valeria a pena divulgá-los por uma questão de equilíbrio e de justiça.

Raramente vimos os governos de esquerda colocar em prática os teoremas redistributivistas. Quase sempre a única distribuição que praticam tem como beneficiários seus adeptos e correligionários, que se enquistam nos governos após a conquista do poder. Como disse Rui Falcão, inteligente e perspicaz líder da esquerda no Brasil, não há administração pura, e as administrações de esquerda são mais impuras do que as administrações de direita e menos eficientes.

Por outro lado, nas economias de mercado, nem sempre se tem uma visão clara dos objetivos. Entretanto elas costumam ser mais bem-sucedidas que os regimes de esquerda. Essas economias de mercado também são mais geradoras de emprego e desenvolvimento, lembrando que os países que obtiveram maior sucesso econômico não são socialistas. Por outro lado os governos socialistas que assumiram a economia de mercado nos moldes de governos capitalistas só conseguiram crescer quando deixaram de ser socialistas, praticando as mesmas técnicas e mecanismos dos governos liberais.

Foi o que ocorreu com a China.

O caminho para a partilha redistributivista da esquerda – que, a meu ver, seria justa, se fosse o homem diferente – só pode ser aberto, sob a ótica das teses socialistas, pelo princípio de que se tem de tirar recursos dos ricos – que são considerados

≯18 19**⊀**

párias – para entregá-los aos pobres, desde que sejam eles, os socialistas, a administrar tais riquezas destinadas à redistribuição. Tal redistributivismo, baseado *na inveia* e no ódio aos mais ricos, jamais irá gerar o espírito próprio das partilhas, que precisam estar alicercadas no altruísmo e no amor. Assim, seria justo.

Por essa razão, as entidades assistenciais sem fins lucrativos, formadas por voluntários, cuia única ideologia é servir. são muitíssimo mais úteis que os profissionais da ideologia redistributivista em causa própria.

Os ideólogos da esquerda que pretendem tirar dos ricos para dar aos pobres, exatamente aqueles recursos que são geradores de empregos, são ineficientes no trato do social e pouco altruístas, a não ser com seus fiéis correligionários. Por outro lado, os ricos, infelizmente, só trabalham para o social quando têm os faróis da mídia e da comunicação a afagar suas vaidades, desdobrando-se, aculadamente, para frequentar as páginas das revistas e dos jornais, em que exibem como pavões, os sinais exteriores de suas riquezas.

Nada melhor, para estimular a inveja da esquerda, do que o fútil exibicionismo da direita rica, as mulheres ostentando plásticas rejuvenescedoras, roupas caríssimas e frequentando festas fenomenais e os homens acolitando esta folclórica manifestação de futilidades e desperdícios.

E, de rigor, esta classe social composta de inveiosos da esquerda e de exibicionistas da direita vai se tornando, juntamente com aqueles que exercem o poder, ou seja, políticos e burocratas, um enorme peso morto que a sociedade deve suportar, além do Estado e do governo, que são apenas os próprios detentores do poder e jamais o próprio poder.

Os políticos

Uma das características do Estado mastodôntico da atualidade é a sua classe política. Quase todos os políticos têm proietos pessoais e se utilizam de seus eleitores para realizá-los. A demagogia é a essência da sua pregação. Já não se importam em ser transparentes ou altruístas, mas apenas em impressionar bem.

A imagem do político não é construída a

partir de sua atuação como homem público. mas aquela que o assessor de imprensa, o homem da publicidade, denominado marqueteiro da mídia, constrói,

Nada é tão distante do político atual quanto a imagem que os homens de mídia por ele contratados edificam perante o público e que deve ser seguida à risca para que tenha viabilidade eleitoral.

Em outras palavras, o eleitor vota não no político como ele é, mas na imagem dele produzida por especialistas em ilusões. Criam um herói cinematográfico e vendem esta imagem, como se fosse de um idealista dedicado à pátria e aos interesses da comunidade.

Uma vez eleito, seu compromisso com o eleitorado deixa de existir e somente será retomado nos últimos meses de seu mandato para, novamente contratando os especialistas da ilusão – muitas vezes os especialistas da mentira – vender sua imagem de dedicado cidadão e agente público exemplar.

Em qualquer país do mundo democrático e especialmente no Brasil, os melhores marqueteiros são os que vencem as eleições e são disputados a peso de ouro.

À evidência, o compromisso do marqueteiro é com sua profissão, vender ilusões, não tem qualquer vinculação com os ideais dos candidatos que produz.

Por essa razão é que a democracia, no mundo, é uma singela democracia de acesso, tanto mais frágil quanto mais o regime vincular-se às soluções presidenciais e não parlamentares. É que, no sistema parlamentar de governo, a alternância no poder é mais rápida e só nele permanece o político consistente. Margaret Thatcher governou a Inglaterra durante 11 anos, e apenas perdeu por ter acreditado que o aumento de tributação seria irrelevante. O povo reagiu e ela foi derrotada.

O político – a maioria, visto que há sempre algumas exceções – é alguém que faz do carreirismo, fisiologismo e infidelidade partidária seu ideal de vida, razão pela qual, por pensar somente em si e pouco nos representantes e na pátria, não auxilia o desenvolvimento da nação, nem a solução dos grandes problemas.

Dir-se-á que esse é um mal necessário

da democracia, pois, de tempos em tempos. deve correr atrás de novos eleitores, mas, para tanto, conta sempre com os marqueteiros de ocasião.

Há de se convir, entretanto, que a verdadeira democracia está longe do retrato que os políticos da atualidade no mundo inteiro apresentam – decididamente um péssimo retrato. E a democracia atual é apenas menos ruim que a ditadura.

Os burocratas

Outro aspecto a conformar o Estado mastodôntico é o papel dos burocratas: os servidores públicos de carreira. Aqueles que entram no serviço público, muitas vezes, vivem sem maior interesse pela sociedade, e pensam apenas em sua aposentadoria para gozar, com folga, o repouso futuro. São, de rigor, os integradores do poder, como diria Alvin Toffler, no livro Terceira Onda (Editora Record. 2001). Os políticos só governam. alicercados em sua ação.

Quase sempre oferecem muita resistência a qualquer mudanca. Acostumados dentro de determinadas rotinas, a mudança causa-lhes calafrios e são os primeiros a tentar bloqueá-las. Sua concepção é casuística, em que o cargo dá dignidade à pessoa. A grande majoria é honesta, mas atribuj à administração pública – que confundem com o poder – um papel mais relevante do que à própria sociedade.

Neste aspecto reside o grande problema. O burocrata pensa que a sociedade está a seu serviço. E, à evidência, seu poder, no tempo, confunde-se com seu direito.

Como os políticos passam e os burocratas permanecem, são eles os verdadeiros formuladores das políticas governamentais. principalmente nos países parlamentaristas.

Integram o poder, com que, normalmente, se identificam, e terminam confundindo seus próprios interesses com aqueles da nação, em confusão que reduz a cidadania a expressão inferior.

Concursados ou escolhidos para serem servidores públicos, como determina a expressão, no mais das vezes, passam a exercer o poder burocrático como se coubesse à nação servi-los, e não o contrário. O povo é que acaba ficando à disposição desses detentores do poder, por meio de tributos ou das exageradas exigências burocráticas, criadas para aumentar seus quadros e justificar ações, em muitos casos, desnecessárias e inibidoras das potencialidades da sociedade.

Os governantes, políticos e burocratas. quase sempre agem de comum acordo. Cada alteração de poder, pelos políticos, não corresponde a idêntica alteração por parte dos burocratas, que deixam os quadros funcionais em menor número do que aqueles que neles entram pelas mãos de novas administrações. E os concursados. efetivados e estáveis não há, seguer, como nensar em afastá-los

No livro Concept of Law (Oxford University Press. 1997). Herbert Lionel Adolphus Hart explica que, nos Estados democráticos, as leis são feitas para serem aplicadas a governantes e governados, mas, como são feitas pelos governantes. quase sempre são aplicadas contra os governados e a favor dos governantes.

De rigor, é o que ocorre com a burocracia. E a burocracia não profissionalizada – que é formada pelos correligionários dos partidos vencedores – é ainda pior, na medida em que tais burocratas somente se tornaram burocratas, por interesse político e não por vocação funcional. E, nesse caso, a identificação com o poder é muito maior. São. em verdade, os verdadeiros senhores da máquina administrativa, nos países onde não há burocracia profissionalizada.

O melhor caminho para reduzir os efeitos nocivos da identificação do burocrata com o poder reside na denominada burocracia profissionalizada, em que há carreira funcional e mérito no seu exercício.

O certo, todavia, é que, no Brasil, não temos burocracia profissionalizada, a não ser nas carreiras militares, no Itamaraty, no Judiciário e no Ministério Público. Os cargos de confianca, que representam os postos mais altos da administração pública, são preenchidos por pessoas que quase nunca são funcionários de carreira, mas ligadas aos políticos.

Essa experiência não tem sido boa.

Os aproveitadores

Assim como a ditadura, a democracia é um sistema de governo em que vicejam os aproveitadores. Aqueles que, por meio da bajulação, pequenos ou grandes golpes, interesses e, algumas vezes, ações condenáveis, aproximam-se dos poderosos.

Entre estes, se distinguem, em primeiro lugar, os correligionários. Aqueles que fazem da militância política utilitária seu objetivo de vida. Não têm prestígio para concorrer às eleicões, mas suam a camisa para conseguirem ser lembrados pelos vencedores. Por outro lado, não têm competência para o exercício de cargos de confiança, como ministros ou secretários de Estado. Sua especialidade, como as hienas que acompanham os grandes predadores, é usufruir da carniça política.

Nas ditaduras, a visibilidade de tais aproveitadores é maior, visto que não há controle externo.

Nas democracias, eles são mais engenhosos, mais astutos, mais perspicazes, Vivendo projetos próprios e não os da nação, não pensam em outra coisa senão em enriquecer, mantendo-se à tona, razão pela qual sua fidelidade política não é maior do que foi a fidelidade conjugal de Messalina. São a escória dos governos, em vestes alcandoradas.

Uma segunda classe dos aproveitadores são os marqueteiros. Os que fabricam os candidatos. Nada é menos verdadeiro que o candidato produzido para uma eleição pelos marqueteiros. São os vendedores de mentiras, dos quais os políticos atuais não podem prescindir para ganhar as eleicões. Os marqueteiros têm duas funções: manter incólume seu candidato e destruir o candidato oposto. Balançam entre suas duas habilidades maiores, ou seja, a mentira e a distorção. Quanto mais eficientes seiam suas mentiras, mais letais. E são admirados por este seu talento, à disposição da democracia de acesso, que nada tem a ver com a real democracia do povo, aquela que permite o permanente controle de seus representantes.

Uma terceira categoria de aproveitadores são aqueles que financiam as campanhas para depois usufruírem da partilha do butim. Tais aproveitadores sabem que o financiamento de campanha é um investimento necessário para conseguir polpudos contratos públicos, posteriormente.

No Brasil, a permanente dispensa de licitação por razões de urgência quase sempre beneficia os financiadores de campanha. principalmente daqueles partidos que, na oposição, se apresentavam como paladinos da moralidade. Os paladinos da moralidade só o são quando militam na oposição. Na situação, são sempre patrocinadores da imoralidade.

Um quarto tipo de aproveitador representa a categoria dos que buscam o emprego oficial, não por mérito próprio, mas por serem amigos dos poderosos.

A Constituição do Brasil, por exemplo, impõe concurso público para acesso a cargos públicos, mas as exceções relativas aos cargos de confiança e as assessorias especiais são tantas, que não há governante que não traga uma legião de aproveitadores para partilhar o poder.

Tais aproveitadores querem o emprego público e, para tanto, competência e ética são substituídas por amizade e bajulação. Por isso, um correto servidor de carreira. que não faça política, termina sua vida pública como chefe de seção, enquanto o bajulador do poder poderá chegar aos postos mais altos da administração.

Outros espécimes de aproveitadores existem, tendo preferido, todavia, apenas descrever, neste curto artigo, apenas alguns deles.

Os corruptos

A política leva muita gente à corrupção. O poder público também. Burocratas e políticos correm sérios riscos de resvalarem para a corrupção. Nela se incluem, também. a corrupção afetiva, o nepotismo, as concessões por vaidade humana, além do que é mais comum, a corrupção pura e simples por dinheiro.

Cristo teve doze apóstolos. Um deles o traiu. Era exatamente o que cuidava da bolsa, manipulava o dinheiro. Pode ter sido uma coincidência, mas, em face do livre arbítrio que Deus outorga a todos os seus filhos, foi ele mal usado. E vendeu Cristo por dinheiro, tendo se arrependido – não como Pedra – e, no desespero, cometeu um segundo ato tresloucado, o suicídio.

Lord Acton, ao dizer que o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente, não fez senão afirmar o óbvio. Um

→ 20

dos aspectos interessantes da corrupção reside na gradativa insensibilidade que o corrupto vai adquirindo, como o drogado, nos seus desvios de conduta.

Adolf Hitler, no dia 27 de abril de 1945 – três dias antes de seu suicídio – fez uma observação anotada por seus biógrafos, segundo relatos daqueles que ficaram no bunker com ele, que serve para mostrar a insensibilidade que o poder vai gerando. Disse: Se de alguma coisa tenho de me arrepender é de ter sido tão generoso com as pessoas.

No mundo inteiro, todos os preços públicos são maiores do que os preços privados, porque neles está incluído o preço da corrupção. Os corruptos recebem uma porcentagem paga por fora.

Manuel Ferraz de Campos Salles foi um presidente brasileiro que entrou rico na política e saiu pobre. A grande maioria dos políticos – que só vivem de política e com subsídios e vencimentos parcos, se comparados aos padrões internacionais – entra pobre na política e dela sai rico.

Nunca se falou tanto em ética no mundo e nunca se viu tantos problemas espocarem nesse campo, diariamente, desvendando corruptos, na burocracia e na política.

Outro aspecto negativo é a conotação ideológica. Quando os órgãos responsáveis pelo combate à corrupção têm preferências ideológicas, passam a ser seletivos. Lutam para descobrir a podridão dos que tenham ideologia diferente e escondem a podridão dos que pensam como eles, tornando-se — mesmo que não recebendo dinheiro do poder — corruptos de outra espécie, ou seja, corruptos ideológicos.

Política e corrupção. Poder e corrupção. Burocracia e corrupção. São características permanentes dos homens que dominam os povos, considerando-se mais dotados que a sociedade para subir na vida, à custa dela.

O povo

O povo pouca atuação consciente tem, nos destinos dos governos. Seja nas ditaduras, seja nas democracias pela esquerda.

Nas democracias, à evidência, há um verniz de atuação, reduzida à participação na escolha dos governantes, que, todavia, é fantasticamente manipulada pelos marqueteiros de ocasião.

A manipulação para a conquista do poder é a característica maior da democracia de acesso, sendo o verdadeiro eleitor dos candidatos o seu homem de comunicação social. A obra do candidato, seu desempenho, sua personalidade, são quase sempre reconfigurados para melhor, pelo *marketing* político.

O povo não manda nada decide, tudo suporta. Grande parte dele não tem condições de julgar o que é verdade e o que é mentira nas campanhas eleitorais.

Nos países emergentes, a incapacidade popular é ainda maior e a manipulação mais fácil. Conforme o grau cultural ou as tradições dos povos, as manipulações podem gerar fanatismo e dependência a líderes carismáticos. Nesses países, os que controlam a opinião pública são os que auxiliam os governantes a governar, independentemente do povo.

Não significa, todavia, que o povo não seja manipulado, nos países desenvolvidos. As fortunas que se gasta nas campanhas eleitorais são ainda maiores do que nos emergentes, e a elite dos grandes grupos empresariais, sindicais e de interesses corporativos da administração termina por conduzir as eleições não necessariamente para o melhor, mas quase sempre para o candidato que contratou o melhor publicitário. Quem decide a eleição, pois, não é o povo, mas o homem da propaganda.

Prometer, em política, não compromete. Todos os candidatos sabem que seu compromisso com o programa de campanha é nenhum. Por isso prometem tudo e quase nada cumprem.

A omissão das elites e a permanente incapacidade do povo de distinguir entre *marketing e verdade*, além da falta de mecanismos jurídicos para controle dos detentores do poder, tornam a sociedade, de rigor, mero instrumento de domínio dos políticos.

Por essa razão, talvez, é que prestar serviços públicos não seja a primeira preocupação dos governantes, mas sim a de manter o poder a qualquer custo, sendo certo que, se houver tempo e se o dinheiro não for totalmente desperdiçado, algo se fará, de preferência, *obras de visibilidade eleitoral*, mais do que de conteúdo cívico.

Dessa forma, uma *obra faraônica*, que dê visibilidade, é mais importante do que multiplicar pequenas escolas para educação do povo, visto que seu *retorno político* é pequeno.

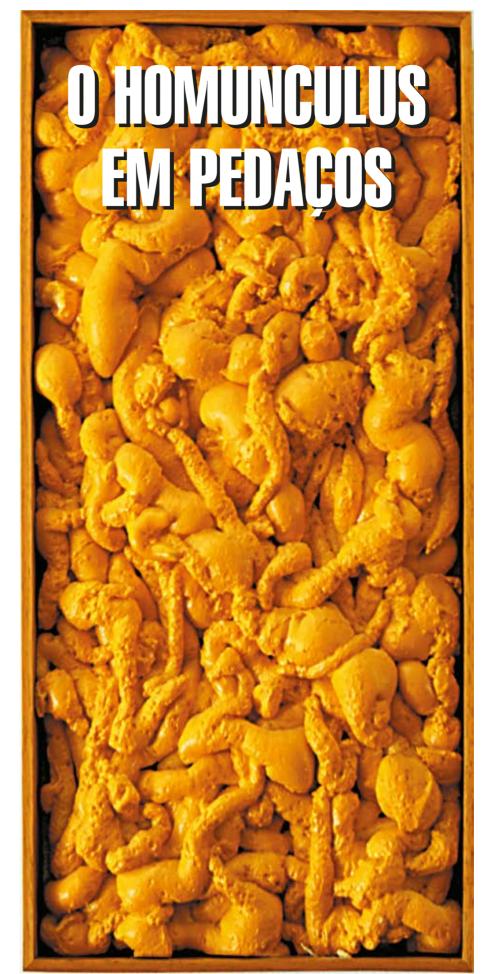
O povo, em outras palavras, é apenas um elemento da atuação dos políticos, para ser manipulado em causa própria, valendo os programas sociais apenas para promovê-los.

Estou absolutamente convencido de que o povo só participará de uma democracia real no momento em que puder controlar os governos e os governantes se reconheceram como seus servidores. Em verdade, todos os governantes são apenas e exclusivamente *servidores* do cidadão. Não são seus senhores feudais. Devem-lhe respeito. Devem-lhe prestar contas por sua representação. E devem honrar o mandato recebido de acordo com o programa apresentado na campanha eleitoral.

Na democracia que idealizo para meu país, o cidadão deveria ser o senhor absoluto de todos os direitos sobre os governantes e estes apenas seus servidores. Quem quisesse — como nas ordens hospitalares da Idade Média, servir ao povo, deveria abdicar de seus privilégios e ter como meta o bem da sociedade, e não o próprio bem. Caso contrário, seria melhor continuar fora da política e do governo, pois o serviço público exige sacerdotes, e não aproveitadores.

Na verdadeira democracia, quem merece o tratamento de *Sua Excelência* é o cidadão. Não o agente público, quer seja ocupante de cargo administrativo ou eletivo, eis que sua presença nos quadros de qualquer dos poderes somente se justifica enquanto sirva ao povo, e nunca quando passe a usufruir do poder como coisa própria, perseguindo inimigos e privilegiando amigos.

Na verdadeira democracia, os direitos individuais deveriam ser garantidos por governos preocupados na promoção da sociedade. Apenas no dia em que os cidadãos tiverem consciência de que são mais importantes do que qualquer burocrata ou político, é que poderão implantar o verdadeiro regime democrático. Até lá, serão apenas administrados



Cardeal Ratzinger — Bento XVI Do livro, Ser Cristão na era Neopagã — vol. I

primeiro bebê de proveta havia nascido dez anos antes, em 1978. Para falar dos resultados das técnicas reprodutivas sobre o homem. Ratzinger faz referência ao clássico da literatura alemã, Fausto, de Goethe, O Homunculus é um ser criado em laboratório: trata-se de geração humana prescindindo do óvulo e do útero. geração natural por parte masculina e artificial pela substituição do corpo materno pela redoma de vidro (retorta). No livro, o Homunculus é criado por Wagner, alquimista obcecado e ex-assistente de Fausto. com a ajuda de Mefistófeles. O trecho aqui apresentado faz parte de uma conferência pronunciada por Ratzinger na celebração do IX Centenário da Universidade de Bolonha, em 30 de abril de 1988 (tal conferência foi por ele retocada depois para a ocasião de sua promoção como doutor honoris causa da Universidade Católica de Lublin, em 23 de agosto de 1988), Na época, a revista introduzia assim o texto: Cresce o perigo de que a proveta não mate somente o seu habitante, mas se volte contra o homem e o mate também. Como Goethe previra, o mundo vítreo do homem que reduziu a si mesmo a reprodução se rompe no impacto com a realidade. O que sobrevive? O poder.1

Por que a origem de um novo ser humano é algo mais que uma *reprodução*? Em que consiste esse *algo mais*? Que consequências éticas derivam desse *algo mais*?

Essa pergunta assumiu uma atualidade nova e radical, desde que se tornou possível reproduzir o homem em um laboratório, prescindindo de uma doação interpessoal sem a união corporal entre um homem e uma mulher. Do ponto de vista factual, hoje é possível separar o evento natural-pessoal da união entre homem e mulher do processo puramente biológico. Segundo a convicção da moral transmitida pela Igreja e fundamentada na Bíblia, uma ética inseparável se contrapõe a essa possibilidade factual de separação. Em ambos os lados entram em jogo, nessa altura, decisões espirituais fundamentais.

Mesmo aquilo que se faz num laboratório não é consequência de premissas

≯22 23**⊀**

puramente mecanicistas, mas é fruto de uma escolha que deriva de uma concepção basilar do mundo e do homem [...].

Goethe já havia previsto que em certo momento o mundo vítreo do Homunculus. do homem que reduziu a si mesmo à reprodução, se despedaçaria contra a realidade. No atual estado de emergência ecológica, já podemos ouvir o vidro se quebrando. Marx ainda podia reivindicar com entusiasmo o direito do homem ao domínio da natureza. Para ele, *luta contra* a natureza e libertação do homem eram quase sinônimos. Hoje começamos a experimentar angústia diante dessa libertação. O uso da natureza se converteu em abuso, e a concepção segundo a qual razão técnica providenciaria sozinha uma composição racional da realidade irracional já demonstrou há muito tempo ser só um mito fantástico. A racionalidade imanente da criação é muito maior do que a razão do homem da técnica. Na realidade, esta não é pura razão, mas um conjunto de interesses que persegue, sem ver o horizonte global dos problemas, finalidades parciais preestabelecidas, pagando as contas de hoie com as vidas de amanhã.

Com isso nós tocamos os níveis mais profundos da aporia. A concepção segundo a existência de um Ethos que parte da natureza mesma das coisas e vem ao nosso encontro não passa de um mito; substitui a ideia de liberdade com a concatenação da necessidade. Na realidade, porém, isso é a negação da liberdade. A redução da realidade, implícita nesse ponto de vista, significa, sobretudo, a negação do homem enquanto tal. Por outro lado, aumenta o perigo que a proveta do *Homunculus* não mate só o seu habitante, mas se volte contra o homem e o destrua. A conexão lógica é inevitável. Pode parecer uma operação inocente tentar libertar dos tabus aquela relação pessoal pela qual homem e mulher se tornam um só, qualificando-a como sacralização mítica da natureza.

Parece um progresso isolar o fenômeno biológico elementar e reproduzi-lo em laboratório. Portanto, é lógico que o nascimento do homem seia só reprodução. Consequentemente é inevitável considerar como aparência mítica tudo o que vai além da reprodução. O homem libertado

do mito é somente uma combinação de informações dentro da qual, direcionando a evolução, é possível partir em busca de novas combinações. A liberdade do homem e da sua pesquisa, que se emancipa do ethos, pressupõe como princípio a negação da liberdade. O que fica é o poder do conselho mundial de administração, uma racionalidade técnica a serviço da necessidade, que visa substituir a casualidade da sua combinação com a lógica da programação. Neste ponto Huxley tinha toda a razão. Essa racionalidade e a sua liberdade são em si mesmas uma contradição, uma arrogância absurda.

A aporia inerente à lógica da repro-

dução é do homem; contra ele a proveta se despedaça, revelando-se como embalagem artificial. A *natureza*, pela qual a fé da Igreja exige respeito na geração de um ser humano, não é um dado biológico ou fisiológico indevidamente sacralizado: essa *natureza* é a dignidade da pessoa ou, respectivamente, das três pessoas que entram em jogo aqui. Todavia, essa dignidade se revela também na corporeidade; a ela deve corresponder a lógica do dom de si, inscrita na criação e no coração do homem, segundo a magistral expressão de Santo Tomás de Aquino: o amor é por sua natureza o dom original, do qual provêm gratuitamente todos os outros dons. Essas reflexões demonstram onde pode entrar o ato criativo de Deus em um fenômeno que aparentemente é só fisiológico e governado pelas leis da natureza. O processo governado pelas leis naturais é fundamental e possibilitado pelo acontecimento pessoal do amor, no qual os seres humanos doam um ao outro nada menos que a si mesmos. Esse dom é o lugar no qual o dom de Deus e o seu amor criativo podem se tornar eficazes como um novo início.

A alternativa que temos hoje diante de nós pode agora ser formulada com muita precisão: de um lado podemos considerar como real somente aquilo que é mecânico, governado pelas leis da natureza e, portanto, considerar tudo o que é pessoal, como o amor e a doação, como belas fantasias, psicologicamente úteis, mas irreais e desnecessárias. Não vejo qualquer outra definição para essa postura senão negacão do homem. Se nos colocamos dentro

dessa lógica, a ideia de Deus se torna naturalmente um discurso mitológico sem qualquer conteúdo real.

Ao lado dessa concepção está, porém, a segunda alternativa, que vai em uma direção totalmente oposta; podemos considerar aquilo que é pessoal como a forma de realidade mais própria, mais forte e mais alta, que não faz das outras formas (biológicas e mecânicas) meras aparências, mas as assume em si e as abre para uma nova dimensão. Dessa forma a ideia de Deus conserva seu sentido e seu valor e a ideia de natureza aparece em uma luz nova, porque a natureza não é só uma organização de letras e números que funciona casualmente de maneira sensata. mas traz consigo uma mensagem moral. que a precede e que é dirigida ao homem para encontrar nele a resposta. O fato que a verdade de uma ou de outra decisão fundamental não pode ser decidida no laboratório, pertence à natureza do assunto que estamos tratando.

Somente o homem pode tomar uma decisão nesse debate sobre o homem, no qual ele decide sobre si mesmo entre as duas alternativas: aceitar a si mesmo ou abolir a si mesmo

Será ainda necessário defender essa visão da realidade contra a objecão de que ela é inimiga da ciência e do progresso? Creio que está suficientemente claro que uma concepção do homem que não reduz a sua origem à reprodução, mas que a compreende como procriação não nega nem impede qualquer dimensão da realidade.

A defesa da proeminência do pessoal é, ao mesmo tempo, uma defesa da liberdade, porque só quando existe a pessoa e só quando ela é o lugar da síntese de toda a realidade humana existe realmente a liberdade. Colocar entre parêntesis o homem e o ethos não leva a um crescimento de liberdade, mas arranca as suas raízes. Portanto, a ideia de Deus não é o pólo oposto em relação à liberdade do homem, mas é o seu pressuposto e o seu fundamento. Não se fala mais adequadamente do homem, da sua dignidade e dos seus direitos quando se exclui o discurso sobre Deus como não científico, relegando-o à esfera meramente subjetiva e edificante.

O discurso sobre Deus pertence estru-

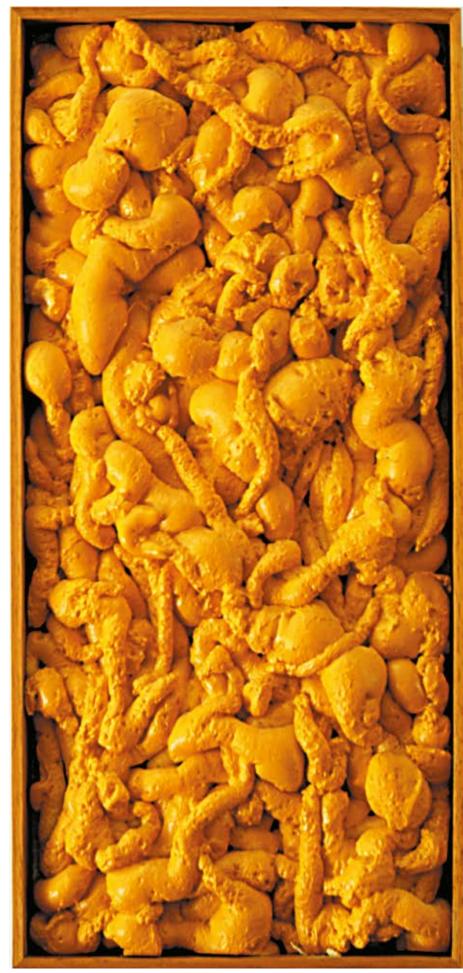
turalmente ao discurso sobre o homem, e também faz parte constitutiva da Universidade. Não é por acaso que o fenômeno da Universidade tenha surgido iustamente onde o anúncio no princípio era o Logos ressoava todos os dias. O Logos, isto é, o Sentido, a Razão, a Palavra plena de racionalidade. O Logos gerou o logos e criou o seu espaço. Só quando se pressupõe a íntima e originária racionalidade do mundo e da sua origem a razão humana pode proceder na interrogação sobre a racionalidade do mundo no particular e no global. Entretanto quando a racionalidade é admitida só em seus aspectos singulares e é negada na totalidade e como fundamento, a Universidade se dissolve em uma justaposição de disciplinas especializadas.

Todavia, a consequência para a vida e o agir do homem é que a razão tem valor só para aspectos parciais da nossa existência. enquanto a realidade em seu conjunto é privada de significado. As consequências se fazem logo visíveis.

Por isso, deve ser considerada como falsa a aporia que nasce quando, em nome do progresso e da liberdade, se quer declarar como única lei da ciência aquela que impõe a realização daquilo que é tecnicamente possível, a lei dos resultados e a factibilidade técnica e quando. apelando para ela, se quer defender uma indevida instrumentalização da natureza. É preciso introduzir no lugar dessas falsas alternativas uma nova síntese entre ciência e sabedoria, na qual a pergunta sobre os aspectos parciais não sufoque a visão do todo e a preocupação com o todo não reduza a atenção aos elementos parciais.

Essa nova síntese parece-me o grande desafio que a Universidade deve enfrentar hoje. Ela é chamada a reencontrar o seu caráter de Universitas, lugar de um saber orgânico e sistemático sobre o homem e o mundo.

Para enfrentar os formidáveis desafios de hoje é sempre mais urgente superar a fragmentação especialística dos conhecimentos setoriais e trabalhar por uma integração cada vez melhor naquele saber do *humanum*, que constitui também hoie a tarefa da *Universitas* e a missão que ela é chamada a cumprir por uma autêntica civilização humana



→ 24



Paulo Raimundo Pereira Santos Jornalista e Pesquisador do Grupo de Estudos do Clube de Aeronáutica paulo.pereirasantos@hotmail.com

grande guestão do Pensamento Brasileiro é guerer saber guem é o Ser Nacional e também que Nação é esta. Estes questionamentos foram feitos aos alunos dos cursos de Mestrado e Doutorado em Ciências Aeronáuticas da Universidade da Força Aérea (UNIFA), no dia 12 de setembro de 2016, com a palestra *O Pensamento Brasileiro*, proferida pelo Cel Av Araken Hipólito da Costa, Diretor Cultural do Clube de Aeronáutica (CAER), editor da Revista Aeronáutica e membro do Conselho Superior do Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER).

O palestrante ressaltou a importância da criação dos cursos de Pós-Graduação na UNIFA, desde a tomada de decisão do Departamento de Ensino da Aeronáutica.

em 1996, processo do qual participou e que procurou promover o inter-relacionamento necessário entre instituições civis e militares, principalmente para que houvesse maior compreensão do pensamento militar e entendimento do conceito e das ações governamentais voltadas para a Defesa Nacional. Além disso, aproveitar as qualificações garantidas pelos cursos de carreira ao Oficial da Reserva, possibilitando que este pudesse, eventualmente, competir no mercado de trabalho, junto ao Ministério da Educação, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de acordo com a Diretriz nº 004/DG/96 - Equiparação dos Cursos de Carreira de Oficiais ao Sistema Nacional de Educação

Araken salientou o quanto é vital o estudo do Pensamento Brasileiro em uma Pós-Graduação da UNIFA, cujos cursos se consolidaram no ano de 2004, por intermédio do Departamento de Ensino da Aeronáutica (DEPENS), obtendo o reconhecimento da CAPES, em 2012, e já tendo produzido, desde então, teses que defendem valores do interesse do Poder Aeroespacial. Vale destacar que o Mestrado da UNIFA é profissional (Solution Provider), buscando solução para os problemas apresentados pelo Comando da Aeronáutica (COMAER) e pelo Ministério da Defesa (MD), com foco em duas áreas de concentração: Relações Internacionais e Ciência Política.

Afirmou ainda que desde a implantação do curso de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado), percorreu um crescente desenvolvimento intelectual, fazendo circular a sua produção do saber no meio acadêmico, e que o advento do Pensamento Brasileiro, como reflexão filosófica e criativa, na UNIFA, possibilitará o aprofundamento nos questionamentos sobre *auem somos nós e aue* Nacão é esta, tornando-se pré-requisito necessário para atuar no planejamento político (o que fazer) e no estratégico (como fazer).

Discorreu sobre a formação do Brasil e, consequentemente, a do brasileiro, que sofreu influências do autoritarismo político e intelectual português, notadamente na criação do Estado, aliás, como demonstrou o fato histórico da Independência, quando de modo autoritário, nos tornamos Império antes de nos tornarmos Nação. Disse que foi este autoritarismo que criou no Brasil um Estado Forte, que permanece até os dias atuais, oscilando entre governos condutores e governos populistas. Mantendo-se no poder, uns, pela força, e outros, pelas estratégias políticas questionáveis. Situação que é agravada por não existir uma Filosofia Política Nacional que dê ordenação ao Estado. E este, por sua vez, interfere como indutor da economia com o modelo corporativista - nem liberal, nem coletivista - dificultando a força do empreendimento nacional, como aconteceu ainda no século XIX com a livre iniciativa do empresário Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá.

Outro aspecto relevante destacado pelo Cel Araken foi o encontro das culturas em novo território, onde o conquistador português já encontrou os indígenas, incorporando ao território, logo depois, o trabalho escravo do negro africano. As peculiaridades de cada uma dessas etnias, somadas, gerou uma miscigenação cultural, que é a marca da nossa cultura. Além disso, dois outros fatores alicerçaram as bases da nascente civilização: a determinação de se manter um território indiviso e a necessidade de se preservar a unidade da língua trazida pelo colonizador.

Os estudos interpretativos do processo de formação histórica da nacionalidade brasileira sugerem que a noção de pertencimento de Ser Brasileiro, surgiu na terceira geração aqui nascida.

Dado importante apontado pelo palestrante, diz respeito ao processo de formação do Estado Moderno, que foi caracterizado pela unidade territorial, unidade das Forças Armadas, unidade de soberania e unidade de governo e, que, paralelamente, ocorreu a adoção das línguas nacionais na produção nacional.

Outro aspecto fundamental na formacão do Estado Moderno foi o nascimento das filosofias nacionais. Não em oposição à filosofia universal, mas como reflexões e investigações suscitadas por problemas filosóficos que marcaram as distintas tradições nacionais. E deu como exemplos: a racionalidade de René Descartes (1596-1650), que colocou a razão humana como a instância legítima da verdade, sendo sua filosofia o Racionalismo, que lançou as bases para a construção da nação francesa; o empirismo de John Locke (1632-1704), que além de realçar a importância da experiência na elaboração do conhecimento humano, alicerçou o liberalismo e a construção cultural da nação inglesa; e a ideia do Criticismo de Imammnuel Kant (1724-1804), que representou um esforço em avaliar os alcances da razão humana, propondo que o problema central de toda crítica é o juízo.

O pensamento Kantiano formatou o arcabouco da política alemã e o pragmatismo elaborado pelo norte-americano William James (1842-1919), conferiu um papel determinante à ação e à prática na definição da verdade, tornando-se a expressão fiel do modo de pensar e agir do povo dos Estados Unidos da América.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Alcides Bezerra e outros intelectuais da Faculdade de Ciências Jurídicas, fundaram o culturalismo, corrente filosófica brasileira. Barreto afirma que é pela cultura que o homem vai se diferenciar dos demais entes naturais, pois se destacou da natureza, portanto, com esta faculdade que lhe é própria. Esta corrente sugeriu que o Homem, por intermédio das potencialidades da cultura, viabilizasse a necessária integração com o mundo científico. Tal pensamento permeou a construção do pensamento brasileiro.

A formação do Estado Moderno exigiu a unidade das Forças Armadas. No Brasil, a Marinha nasceu com a chegada da Corte de D. João VI, em 1808. Com a criação da Real Academia Militar, em 1810, nasceu o Exército. O currículo de modelo pombalino é meramente profissional, de cunho científico, não contemplando qualquer abertura para tema filosófico ou ético-político, destinando--se à formação de engenheiros e de oficiais do Exército.

Considerando este contexto, a Cultura Aeronáutica faz parte da Cultura Nacional, mormente pela sua forca na formação da integração e da identidade nacional. Como exemplo da sua importância vale destacar alguns momentos históricos, como a participação da Força Aérea Brasileira com o 1º Grupo de Aviação de Caça e com a 2ª Esquadrilha de Ligação e Observação (2ª ELO) durante a Segunda Guerra Mundial, nos céus da Itália, onde combateu bravamente os regimes totalitários. E também o Correio Aéreo Nacional (CAN), que permitiu integrar núcleos de populações indígenas e caboclas perdidas na vastidão do território nacional. Outra contribuição da Cultura Aeronáutica foi a criação do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), modelar complexo científico-tecnológico que permitiu a criação e o desenvolvimento da indústria aeronáutica além da Comissão de Aeroportos da Amazônia (COMARA), implantando cerca de 150 aeródromos pavimentados, em uma extensão de terras correspondente a 60% do território nacional. O Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER) foi a instituição criada para centralizar o Sistema da Cultura Aeronáutica, com a finalidade de pesquisar, desenvolver, divulgar, preservar, controlar e estimular as atividades referentes à Memória e à Cultura Aeronáutica brasileira. Configurando o controle e a vigilância do espaço aéreo, foi criado o Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA). Finalmente, a instalação do curso de Mestrado em Ciências Aeronáuticas, em 2004 na Universidade da Força Aérea (UNIFA), permitiu que o pensamento aeronáutico se intercambiasse com o mundo acadêmico.

Assim, ao concluir, Araken assegurou que estudar o Pensamento Brasileiro nos permite tomar consciência, gradativamente, do que é, de fato, Ser Brasileiro, além de nos estimular a preservar a Cultura e os valores nacionais, partes singulares da nossa brasilidade, daquilo que nos constitui como Nação e, sobretudo, a necessidade de elaborar o entendimento de que ela deve prevalecer sobre o Estado. Entretanto ainda há muitos mistérios a serem desvendados no Carimbó. no Bumba meu Boi e no Samba deste povo que dança e é feliz na Terra de Santa Cruz

*O texto completo **PENSAMENTO** BRASILEIRO E A IMPORTÂNCIA DA CULTURA AERONÁUTICA, do Cel Araken Hipolito da Costa, encontra-se publicado na edição de Ideias em Destaque, nº 47, jan./jun. 2016; p. 9-16, do Instituto Histórico-Cultural (INCAER) e pode ser acessado em: http://www2.fab.mil.br/ incaer/images/eventgallery/instituto/Ideias/ Textos/ideias 47.pdf

A vida vale mais do que a filosofia. Inverter as prioridades é mortal

laro, todos são bem-vindos às nossas vidas. Mas justamente: às nossas vidas. Este pode ser um critério para escolhermos os filósofos que nos farão companhia. Santo Tomás viu os anios. Sócrates foi condenado ao veneno de Atenas. Nietzsche morreu louco, Heráclito, tão solar, foi chamado O obscuro, Em comum tiveram o desapreco por sistemas fechados, aprisionadores da vida. A vida vale mais do que a filosofia. Inverter as prioridades é mortal.

Com este critério escolho o meu time. Deixo de fora imensíssimos filósofos. Escolher é perder. Às vezes a injustica é necessária. E meu time vai com Heráclito, Sócrates/Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás, Nietzsche, Foucault e Heidegger. Aristóteles e Santo Tomás construíram sistemas, é verdade. Mas um procurava o caminho para a felicidade. E o outro escreveu como quem reza, de joelhos, para a maior glória de Deus. Podem entrar.

Para nós, neste momento de virada de todos os modelos de ser, fazer, pensar e dizer, o *espírito de sistema* é mortal. Põe a filosofia longe da vida. Um sistema tem axiomas e lógicas que sufocam a leveza da vida. A vida não cabe neles. Vaza pelas costuras. Quer potência mais do que regulamentação. Precisa da filosofia para ousar o extraordinário. Não ficar triste. O olhar dos sistemas fechados é baço, sem brilho. A liberdade não o habita.

Por que digo essas coisas? Tudo tão técnico... Não é, já vamos ver. Digo por que estamos hoje numa situação excepcional, entre o espantoso e o ridículo. Nas duas últimas décadas do século passado o chamado pensamento pós-moderno ensinou que a realidade real perdeu credibilidade – a realidade virtual é muito mais interessante. E que coisas como fundamentos do real. verdade, sujeitos usando suas consciências para representarem para si a realidade e procurarem nessa representação a verdade, tudo isso caducou. Tornou-se inútil e um pouco bobo. E junto com a realidade nua e sua verdade devem ir também as ideologias e o pensamento crítico. Tudo que cheire a raízes, a profundidades, perdeu o sentido. A questão do Sentido, que moyeu céus e terras por mais de vinte séculos, se encerrou, Francamente, me parece demais. Demais tudo, sobretudo arrogante demais. Não pode ser assim, um decreto soberano, sem conversa, diálogo nenhum.

Mas os pós-modernos não podem conversar. Se por descuido aceitarem discutir suas premissas, precisam aceitar que têm premissas, que elaboraram um sistema, que precisam passar pela prova da verdade. E aí já perderam. Blefaram e perderam. Tinham uma mão ruim.

Mas pode um tipo qualquer de pensamento se recusar a dar provas de si? A se pôr no pelourinho da contradição? Pode. Os sistemas fechados podem. Tudo que não cabe dentro deles é como se não existisse. Não de verdade. O que estou dizendo, e parecerá loucura a quem lida com essas coisas áridas por profissão, é que o pensamento pós-moderno é atravessado de ponta a ponta por uma imensa vontade de fazer sistema. Não deixa essa vontade aparecer. Nem monta seus sistemas à luz do dia. Mas sua estratégia, creio que consciente, é fazer calar os superados, os sobreviventes. Nós, que avançamos gemendo, como lindamente escreveu Pascal.

Os amantes da verdade. Todos condenados ao silêncio. O sistema fechado do pensamento pós-moderno é tão astuto que não precisa aparecer como sistema, disciplina da vida. Mas tem a pretensão de ser o pensamento único do mundo globalizado. Usa como se fosse óbyia a lei da eficácia, da funcionalidade, do dar-certo como critério para a vida. Um sistema oculto. Melhor: invisível. E tão poderoso que nesta última década e meia nem precisou se exercer como discurso. Todo mundo já o aceitou. Vivemos segundo suas determinações.

Só que não. Ainda estão aí Heráclito. para ensinar a tensão dos contrários; Sócrates, para morrer pela verdade; e Platão, para pensar esse destino. Aristóteles para procurar o bem supremo da felicidade. Santo Agostinho para confessar a vida, e pensar enquanto confessa e vive. Santo Tomás, para ver a escada dos anios descendo de Deus aos homens pequeninos. Nietzsche para delirar de tanta paixão pela vida. Heidegger para passar em revista dois mil e seiscentos anos de História e tentar iluminar um caminho por vir. E Foucault para fazer explodir a história dos sistemas de verdade e procurar a verdade na vida. E morrer disso. Esses ainda estão aí. São nossas companhias. Podemos escolher.

Só não temos o direito de preferir a tristeza da verdade morta. Bilhões de pessoas vivem fora da vida. Nós temos a oportunidade de ainda lutar por ela. Podemos não, é claro. Mas vinte e seis séculos vão estar nos olhando. De olhos atentos para as nossas vidas. Este espacinho dos sábados é para convidar quem quiser vir a se expor a esse olhar. Tem brilho nele. É vivo. Não morreu.





Prof Dr Afonso Farias

Cel Int

afonsofariasjunior@gmail.com

OPORTUNIDADES O futuro no presente

ani Rodrik, professor de Harvard, autor do livro Economics Rules e estudioso de mercados emergentes, afirmou que quando a turbulência passar, o Brasil estará em posição muito melhor, e que cabe às autoridades navegarem nas circunstâncias diversas sem ranco ideológico. Indo mais fundo, ele deixou claro que o amadurecimento institucional do Brasil é gigante, mas não pode permitir que a classe política domine as investigações judiciais e que estas não podem ter agendas políticas em particular.

Por agui existe um federalismo capenga. A passagem de um Estado centralizado para um Estado federativo, no qual estados e municípios receberiam várias atribuições do setor público, gerou certa deformação na arrecadação, houve aumento da receita líquida de estados e municípios, mas era esperada uma redução nas receitas federais. Entretanto os três níveis foram crescendo e o contribuinte arcando com esse exagero arrecadatório, pois a União exagerou na criação de um tributo chamado contribuição, que não a obriga a partilhar recursos com os estados e municípios, e que gera valores superiores aos arrecadados pelos impostos.

Assim, o esgotamento da expansão fiscal e a falência do presidencialismo de coalizão trouxeram o Brasil até este ponto: crise.

Ficou demonstrado que segurar artificialmente os preços administrados e o câmbio não produz benefícios à sociedade. Ademais, promover o descontrole das finanças públicas, e ainda esconder esse desastre, afugentou investidores locais e internacionais.

É bom lembrar que a crise brotou mais pelas desavenças políticas do que por fatores econômicos. As duas Casas legislativas estão sendo fragilizadas pelos vinte e oito partidos políticos que nelas funcionam, e que, por sua vez, fragilizam e deixam o Executivo desorientado. A percepção geral é que esses partidos não representam os diversos segmentos nacionais nem se vinculam aos programas de governo. Essa elevada fragmentação partidária abrevia a entropia dos governos, presentes e futuros.1

Impõem-se uma reforma política no sentido de reduzir o número de partidos e que, a partir daí, eles venham a aderir às necessidades, aos interesses e às aspirações da sociedade que venham a representar.

Inicialmente, o Brasil tem que sair da emergência econômica, para depois buscar efetuar uma reforma política com substância, que gere credibilidade, faça com que o país retome os trilhos e empregue a velocidade desejada para o desenvolvimento.

O que o novo governo propõe, infere-se inicialmente correto, pois aborda aspirações que a maioria dos economistas aponta: ajuste fiscal e das contas públicas, estímulos ao investimento, reformas previdenciária, trabalhista e tributária etc.

Essas proposições possivelmente criarão condições para o investimento privado em áreas de concessão e privatização.

Tudo indica que o cenário impõe inflação decrescente e cria espaço para redução de juros em curto prazo. Levando-se em conta que a balança comercial poderá atingir superávit de mais de R\$ 45 bilhões. Acrescente-se a isso a possibilidade veloz de redução da ociosidade da produção, em que poderão ser ofertados produtos por meio de maior aproveitamento de máquinas e equipamentos, assim como da mão de obra disponível.

Para reforçar o supra dito, o Boletim Focus, do Banco Central, informou em sua última edição que: a) para 2016, está prevista alta do IPCA para 7,36%. Para 2017, a estimativa é de 5,12%; b) no caso da taxa de juros, a previsão de 2016 é 13,75% e 2017 com previsão de 11%; e c) relativo à atividade econômica, a expectativa é de que o PIB contraia-se 3.18% neste ano, e cresca 1,30% em 2017

1 - Atualmente existem trinta e cinco legendas registradas no TSE. O ministro do Supremo Tribunal Federal Luís Roberto Barroso defendeu a necessidade de reforma política ampla e o combate à corrupção como prioridades nacionais. Ele afirmou que há uma necessidade imperativa de acabar com a multiplicação de partidos que vivem como legendas de aluquel, unicamente para arrecadar recursos do Fundo Partidário e vender seu tempo de rádio e TV. Em relação à corrupção, Barroso afirmou que o foco deve ser o combate à impunidade, que, segundo ele, alimenta a reincidência de fraudes no país.



POLÍTICA?

Francisco Martins de Souza Filósofo

Liberalismo

Neoliberalismo

Socialismo

Corporativismo

Autoritarismo

•Democracia e os diversos usos deste conceito

Necessidade

• Evolução ou Revolução?

Cultura

Família

om os temas propostos, indicamos sumariamente uma vereda por onde trilhar na busca da tão desejada Filosofia Política para nossa circunstância.

Como ficou indicado, o caminho sequido pelo pensamento político brasileiro é sua prática na historiografia sem rumo definida, e, para tanto, veja-se a quantidade de Constituições que já experienciamos.

As revoltas, revoluções e, em especial, a Intentona Comunista de novembro de 1935 – quando foi implantado um governo que durou quatro dias em Natal e no interior do Rio Grande do Norte, com gabinete, secretariado, e desvirtuou o conceito de Propriedade, que é seu primeiro alvo em toda sua ideologia desde o Socialismo Utópico a ser analisado.

Com esta aventura houve oportunidade para formar-se sua antítese: o Corporativismo Autoritário de 1937, oposição radical ao Socialismo Comunista e ao Liberalismo que ainda se mantinha com a Carta de 1934.

Podemos observar, então, que, quando não existe rumo definido, no caso, um pensamento político ordenado, uma filosofia condutora de tal processo, aventureiros de última hora podem inflamar e impor à sociedade ideologias exógenas, geralmente sob a capa de carisma ardilosamente preparado quando estão de posse do poder político.

Governar apenas com vontade própria

desvia o projeto político de sua finalidade específica, que é a permanência da ordem e do equilíbrio social.

Na atualidade brasileira, mais do que em épocas anteriores, pensar uma Filosofia Política para esta permanência, que contemple a paz, o desenvolvimento, a justiça, a prosperidade para o major número de cidadãos, modelo exemplar de convivência com as outras nações amigas, que seja a tarefa dos Pensadores que trabalham para tal finalidade

Estas simples notas baseiam-se no proieto do Culturalismo brasileiro na busca de uma Filosofia Política que supere o momento Panfletário ou o Ideológico dos que governam com a emoção e esquecem que estão inseridos nos Princípios da Civilização Ocidental.

O termo Neoliberalismo, para ser discutido, já pressupõe um conhecimento do Liberalismo como Filosofia Política e Econômica. Foi implantado a partir das reflexões de John Locke (1632-1704), com a obra fundamental Segundo Tratado sobre o Governo Civil, publicado em 1690, na Inglaterra, onde foram lançadas as bases sobre as quais iriam se desenvolver, na História do Ocidente, as grandes vertentes que, de acordo com a aplicação na prática política, poderão ser aperfeiçoadas, mas mantendo a fidelidade aos fundamentos conceituais que se tornaram permanentes.

Esses conceitos básicos, que são: a liberdade, a igualdade, a propriedade e a segurança dos indivíduos como pessoas, possibilitarão as mais diversas interpretações da ideia ao longo da História.

O Liberalismo passa a ser entendido e aplicado em cada período histórico, de acordo com as novas formulações teóricas dentro da própria concepção, ou pode sofrer influências de outras doutrinas sem perder o objetivo final, que é a própria liberdade como limitação do poder político e o estímulo do poder econômico.

A ideia democrática é a primeira grande contribuição e o sustentáculo político que se tornará permanente junto ao Liberalismo, pois nos princípios somente os proprietários participavam do pacto como organização da sociedade política.

As possibilidades de acomodação aos reais interesses sociais e a livre iniciativa marcarão a trilha estimulante da convivência em busca da solução dos problemas sob a diretriz política.

O Liberalismo clássico se desenvolve a partir da contribuição da ciência econômica fundada por Adam Smith (1723-1790) com a obra Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações (1776); e as obras de David Ricardo (1772-1823) com os Princípios da Economia Política e da Tributação, de 1817; e, no Brasil, com a obra do Visconde de Cairu (1756-1853). Estudos do Bem-Comum e Economia Política, de 1819.

John Locke havia iniciado a doutrina que, posteriormente, seria chamada de Liberalismo, cuidando da organização política, da limitação do poder do governante, da questão da legitimação do poder, bem como da organização do Estado.

Quanto à economia, núcleo central de sua reflexão, é a questão da propriedade que se tornará o tema central das investigações posteriores, colocando o trabalho como fonte primeira de toda aquisição.

Adam Smith já investigava o trabalho como gerador não somente da propriedade, mas do valor e, portanto, da riqueza.

Os aspectos sociais da divisão do trabalho, bem como sua organização, passaram da economia orgânica (Corporativismo) para a economia particular, individual (Liberalismo). A liberdade de iniciativa tornou-se, então, aliada à igualdade de oportunidades para produzir o futuro Capitalismo.

David Ricardo (descendente de judeus portugueses) irá continuar a desenvolver, na Inglaterra, as doutrinas de Smith e, assim, tentar soluções para as questões do livro de R. Malthus (1766-1834), Ensaio sobre a População, de 1798. Ricardo descobre as leis constantes que regem os fenômenos econômicos e desenvolve temas básicos para a compreensão desses fenômenos. A sua vasta linha de abordagem versará sobre a lei do valor; a teoria do valor do trabalho; o custo do trabalho; o valor produzido pelo trabalho; a repartição do produto entre trabalhadores. capitalistas e proprietários; o livre cambismo e o Comércio Internacional: a teoria das vantagens comparativas; a teoria da repartição da renda; e a teoria do sistema monetário, entre outros.

No Brasil, seguindo essas indicações sumárias, temos contribuições para o Liberalismo com Cairu, que, além da obra citada, publicou Princípios de Economia Política, em 1804, e outras sobre Direito Mercantil e Seguros. Ao definir a Economia no Sistema Liberal, Cairu já antevê o trânsito para o pensamento moderno ao dizer que: É um ramo de jurisprudência e compreende aquela parte do Direito que estabelece os fundamentos do Sistema Social, ou da Boa Ordem Civil, que assegura a Propriedade, ou o domínio das coisas e facilita o troco dos trabalhos. territórios e seus produtos. E, ainda: A segurança das pessoas e da propriedade legitimamente adquiridas, com a menor restrição possível da liberdade de cada indivíduo, regulada pelo bem-comum da espécie humana e circunstâncias especificas do território-estado de cada Nação.

Vemos que o conceito de igualdade ainda não entra nas cogitações, pois o regime político assentava-se no Absolutismo monárquico.

O Liberalismo, que assegura a passagem ao sistema democrático que provém da Inglaterra, segue seu curso histórico, procurando firmar compromissos com

uma política social mais justa que contemple os desprotegidos.

Já na década de 30 do século passado, a discussão em torno do problema da pobreza merecia atenção dos liberais, bem como os contratos de trabalho já tratavam da remuneração.

Nos princípios daquele século, já se delineavam os aspectos sociais que marcariam o rumo do Liberalismo chamado social, ou seja, as antecipações do *welfare state*, com a instituição da pensão para os velhos e o auxílio-desemprego.

O Old Age Pension Act foi aprovado, em 1908. O amparo à velhice constituiria o estabelecimento, pelo Liberalismo, da justiça, em substituição à caridade; ao Estado caberia tal papel social. O aperfeiçoamento da doutrina ao longo da História poderia levar ao reconhecimento da condição de membro da sociedade, preservando a dignidade daqueles que já não podem produzir.

O Liberalismo e sua consequência econômica, o Capitalismo, receberia sua grande prova de resistência no final da década de 1920, com a derrocada econômica produzida pela *débâcle* das bolsas, nos Estados Unidos (1929). Da quase falência, gerada pelo fenômeno, em outros países dependentes do livre intercâmbio comercial, vamos ter como consequência a aprovação da terceira via, posição entre Capitalismo e Socialismo, que será implantada em alguns países da Europa como solução político-econômica: é o Corporativismo.

A solução dentro da Democracia Liberal aparece com as indicações doutrinárias de John Maynard Keynes (1883-1946), com a obra *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda,* publicada em 1936. A reforma da Economia Clássica já mostrava ser necessária quando publicou, em 1926, o fim do *laissez-faire*. Na nova doutrina liberal, o Estado deve entrar no jogo econômico para equilibrar o mercado, sem necessidade de competir com a sociedade na producão.

A nova ordem *New Deal* do Governo Franklin Roosevelt espelha-se na doutrina de Keynes. A retomada do Capitalismo Liberal recebe os elementos que permitirão livrar-se da influência corporativista e coletivista social. O Liberalismo se reforma com a libertação da *mão invisível*, único controle pensado com a Lei da Oferta e da Procura dos clássicos.

O Estado terá o seu papel no gerenciamento à distância, mas sob vigilância, da economia; os instrumentos de equilíbrio social são gerados a partir do corpo de ideias novas; e a questão do emprego como condição para afirmar e fruir os direitos fundamentais é elevada à mais alta prioridade, cabendo ainda ao corpo de Leis Sociais formar os direitos ao Seguro Desemprego, à aposentadoria integral, ao salário-família, ao seguro-saúde, ao transporte subsidiado, à educação básica gratuita e aos programas habitacionais.

Essa política liberal que contempla, partindo do desenvolvimento, as grandes propostas sociais das décadas de 1920 e 1930 vêm se afirmar como definitivas nos países chamados desenvolvidos, no pós-querra

O Liberalismo, entretanto, na sua forma político-econômica, como vem sendo analisado, passa a ser repensado ou alcança tais níveis de conquistas, pois tem deixado sempre certo resíduo de pobreza e carência, mesmo reconhecendo-se que o salto histórico foi impulsionado pela intervenção reguladora das propostas do keynesianismo.

No campo sociocultural, essas políticas coincidem com a afirmação e o desenvolvimento das Ciências aplicadas à Tecnologia, no esforço de guerra entre Liberalismo versus Corporativismo, o que desenvolve de maneira surpreendente o campo liberal com sua afirmação sobre tal doutrina.

A moral liberal capitalista impõe-se pela força aos vencidos da economia corporativa, representados pela Itália, pela Alemanha e pelo Japão. Os que praticavam economia ambígua entre liberal e corporativa, e não foram vencidos, ficaram obrigados a se corrigir quando acharam que seria conveniente ou, ainda, permaneceriam indecisos.

Na atualidade, já se pensa no bojo do grande desenvolvimento gerado pela Economia Keynesiana, um novo Liberalismo que reitera e avança a possibilidade indefinida de progresso econômico social, ancorada nas grandes reformas sociais; e, outro, que faz uma volta às origens e procura retirar o papel representado pelo Estado na ingerência de assuntos que competem, exclusivamente, à sociedade, ou seja, a instituição do Estado Mínimo.

O Neoliberalismo pode manifestar-se com essas duas possibilidades. Uma dessas versões do Neoliberalismo é exposta nas reflexões de Ralf Dahrendorf (1929). em que apresenta a questão da liberdade econômica e as exigências sociais impostas pela sociedade contemporânea. Mesmo aceitando os fundamentos do Liberalismo como a parte permanente de uma Filosofia Política reguladora da boa ordem social, entende que o Liberalismo tradicional posto à prova durante a prática de governo mostrou-se hesitante no tocante às reformas e conquistas sociais, e admite, então, novo direcionamento à parte formal desse Liberalismo, e a passagem a um Liberalismo substancial.

No livro O *Liberalismo e a Europa* (edição de 1981, da Universidade de Brasília), Dahrendorf afirma: *A atividade econômica não deve somente fornecer a base material do desenvolvimento, mas também ocasião para um desenvolvimento individual livre. Tudo isto se pode obter no quadro de um capitalismo reformado.*

Os novos liberais da vertente alemã assimilam o que há de razoáveis conquistas no campo social e procuram integrar a doutrina político-econômica às diversas tendências que enriquecem as conquistas liberais, demonstrando isto ao dizer que os liberais administram um consenso formado de keynesianismo moderado em política econômica, de Welfare State, corrigido, quando ocorre, por certo grau de individualismo, de política exterior baseada na cooperação internacional e não com o objetivo de potência, de uma política interna que procura combinar as exigências do Liberalismo com o apoio do Estado através

de instrumentos adequados; e que a sua posição indica também participação na gestão do consenso social democrático.

O desenvolvimento continuado, ou seja, a expansão permanente da economia baseia-se mais no incremento das expectativas sociais num determinado país. E não na expansão dos mercados externos.

Os trânsitos ou intercâmbios, hoje, estão direcionados mais comodamente entre as economias ricas do que antes da guerra, quando a formação da riqueza era buscada na forma de imperialismo, ou seja, um país rico subjugando economias primárias, como forma de incrementar e manter sua posicão privilegiada.

O Neoliberalismo de Dahrendorf aponta, com sua doutrina, um novo conceito de Nações semidesenvolvidas, e toma como exemplo a América espanhola e a América portuguesa. Para tanto, o Brasil é considerado uma grande potência, que poderia entrar para o clube dos ricos, pois a Itália, país rico, tem sua área de pobreza também; são Nacões onde convivem dois mundos.

O Imperialismo é uma fase do desvio do Nacionalismo e está sendo superado ao fazer o seguinte prognóstico quanto à Rússia: Espera-se que a União Soviética atinja, um dia, a maturidade necessária para se dar conta de que os métodos imperialistas não são necessários. Estas afirmações são de 1979.

Para Dahrendorf, as contradições, a inflação e as outras mazelas que, no passado, eram impostas pelo sistema imperialista, foram superadas desse modo de pensar, pois agora procuramos novas interpretações para esses fenômenos. O Estado, mesmo regulando certas funções e administrando os serviços essenciais, não deve cercear as liberdades nem impor uma ordem que possa inibir a livre iniciativa e a busca de soluções democráticas para a realização dos direitos civis. Diz, ainda, citando Willy Brandt, que a melhor solução aos males da Democracia é ter mais Democracia.

O Neoliberalismo, seguindo essa tendência, amplia as possibilidades de uma responsabilidade social paralela e com mais liberdade diante da rigidez do ordenamento estatal; mesmo que este seja uma plena Democracia, teremos as exigências da liberdade individual *versus* a regulamentação das exigências burocráticas.

O que fica a indicar essas estratégias do novo Liberalismo da vertente alemã é que o antigo sistema de interesses de classes do tipo corporativista ou neocorporativista tende a desaparecer diante da investida do Liberalismo reformado. A saída da Alemanha e de outros países europeus dos sistemas classistas corporativos, em que se pensava uma política representativa dos chamados legítimos interesses de grupos com atividades afins, sofre uma reformulação e o indivíduo passa a estar no centro de uma série diversificada de interesses. O legítimo interesse será o interesse de toda a sociedade.

A Social-Democracia é uma tendência que aceita uma convivência com a Democracia liberal, mas indica mais a possibilidade de uma maior participação popular no poder.

Sua formação se dá a partir do ano de 1875 e pleiteia uma reforma da sociedade sem recorrer à revolução armada, e se opõe ao anarquismo, enquanto este renega o sistema social construído e vigente. A Social-Democracia pleiteia o aproveitamento do arcabouço construído e acima deste a implantação das reformas legítimas. Essas reformas seriam implantadas a partir da aglutinação e formação de grandes massas no interior do sistema utilizado, construindo uma espécie de antissociedade, que demoliria a ordem antiga e provocaria o aparecimento da nova sociedade.

A sociedade industrial, por constituição político-liberal, avança sem concessões à Social-Democracia, e a maior luta desta seria contra a anarquia como atitude política utópica.

As revoluções sociais ou são feitas a partir de um corpo de ideias (ideologia), o qual forma a base de um partido político, ou informam o próprio ordenamento do Estado e este impõe de cima para baixo, uma legiferação que direcione no sentido da modernização das velhas estruturas sociais.



Quando teve oportunidade de chegar ao poder, a Social-Democracia, em alguns países da Europa, comandou essas reformas no sentido de permanentes conquistas sociais: seria a revolução permanente.

A Social-Democracia, desde a fundação até ao início da Primeira Guerra Mundial, significava as tendências socialistas em geral, e tinha como proposta chegar ao verdadeiro Socialismo utilizando como meio a Democracia liberal capitalista; estudar suas contradições e direcionar soluções próprias.

No princípio, a doutrina social-democrática propunha a eliminação da propriedade privada, bem como do mercado. Para superar a antiga sociedade democrática, seria necessária a implantação da ditadura do proletariado, que faria a passagem à sociedade perfeita proposta em nível internacional.

A revolução russa e o surgimento dos movimentos fascista e nacional-socialista (Corporativismo) retardaram as atividades da Social-Democracia. O Comunismo coletivista e o Corporativismo pretendiam, com as revoluções implantadas, solucionar as contradições do Liberalismo democrático.

O sistema planificado da Economia, nas duas versões totalitárias, teve êxito apenas no campo da expansão científico-

≯34 35 **⊀**



-tecnológica-militar, deixando a sociedade como expectadora de tal proeza.

No pós-guerra, a Social-Democracia desenvolveu políticas de cooperação que se institucionalizam entre o Estado, as empresas e os sindicatos dos trabalhadores.

O Corporativismo ressurgiu na década de vinte e se aplicou à prática política em vários países europeus, e, no Brasil, na década de 1930, como solução ao choque entre Liberalismo (Individualismo) e Comunismo (Coletivismo); seria a Terceira Via construindo a Democracia orgânica que eliminaria a luta de classes.

A Social-Democracia, na modernidade pós-guerra, assume de certa forma um papel de equilíbrio social, que se compara a um neocorporativismo, mas este tende mais às regras da Democracia liberal, ou seja, as iniciativas partem da base social e, não, conforme o antigo Corporativismo fascista e sua fórmula *tudo dentro do Estado, nada fora do Estado,* que compunha o chamado Estatismo Corporativo.

A Social-Democracia teve mais êxito durante a prática política nos países escandinavos e, atualmente, espelha-se em ordenamentos neocorporativos, em que a disciplina e coesão das partes — sindicatos, associações, governo — se interagem

programando suas atividades para produzir os bens e recursos a serem distribuídos em consonância com o bem público.

O Neoliberalismo da vertente alemã, de certa forma, contemporiza com o direcionamento social-democrático, pois o Partido Liberal alemão participa da *gestão do consenso social democrático*.

O Socialismo pode ser entendido como uma consequência teórica dos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores e respectivos sindicatos formados pela grande Revolução Industrial na Europa do século XX. A sua formação gera dois grandes movimentos, que irão marcar de um lado as tendências dos operários e suas reivindicações diante do Capitalismo, e, outro, de natureza moral, que parte dos intelectuais. Do grupo orientado pelo sindicalismo operário, surge o Socialismo democrático que vai se transformar em grande movimento político na Europa. A vertente democrática do Socialismo produz em sua marcha histórica conquistas de leis sociais e protetoras do trabalho em novo ordenamento: um novo Direito é criado e novos pactos sociais ou constituições são inspirados a partir das novas ideias.

O Socialismo tem em Robert Owen (1771-1858) seu primeiro arquiteto, pois começa em New Lamark a humanização e melhoria das condições gerais do trabalho, como sejam: diminuição da jornada, aumento dos salários, criação de escolas e construção de moradias perto dos locais de trabalho; organização do trabalho agrícola, em que seria repartido o produto do trabalho na comunidade.

Da experiência de Owen surge a ideia das cooperativas, que se multiplicariam, possibilitando uma nova forma de Socialismo, o Cooperativismo.

O Conde de Saint-Simon (1760-1825) e Pierre Proudhon (1809-1965) seriam os grandes impulsionadores e divulgadores da ideia socialista no continente. Proudhon faz a primeira investida no conceito de propriedade, defendido pelos liberais como sendo o núcleo moral de toda a doutrina, ao publicar o livro *O que é a Propriedade*, em 1840.

Outro fundador do Socialismo foi Louis

Blanc (1811-1882) com o livro *Organização* do *Trabalho*, em que ataca a outra função fundamental do Liberalismo – a livre concorrência.

As primeiras conquistas sociais dar-se-ão em fins do século XIX com a livre organização sindical na França, em 1884; a Confederação Geral do Trabalho é de 1894; a jornada do trabalho de oito horas; a limitação ao trabalho juvenil e feminino; o salário mínimo; a regulamentação do trabalho noturno; o descanso semanal remunerado etc.

Essas conquistas só chegarão ao Brasil com as Constituições de 1934 e 1937, sendo esta eminentemente corporativa. No Brasil, as conquistas sociais se dariam pela posição revolucionária do Estado e não da sociedade. A chamada do proletariado à participação seria por meio de Leis decretadas pelo poder central, mas nunca reivindicado pelo sistema representativo que não existia. (A legislação social na quase totalidade é fruto dos governos autoritários no Primeiro e Segundo Estado Novo).

O Socialismo, que não teve vigência no Brasil, fez sua primeira investida revolucionária, em 1935, com o apoio da Aliança Libertadora, não tendo qualquer sucesso.

No Brasil, a falta de uma Filosofia Política determinada tem gerado, ao longo da História, contradições internas e externas, levando a prática política às improvisações empíricas ao sabor emotivo dos governantes.

A formulação frequente de pactos sociais, que se adaptam às exigências e às expectativas da sociedade, gera instabilidade e insegurança, pois não se apresenta qualquer diretriz sólida duradoura à Economia.

Não temos certeza sobre o sistema político-econômico a seguir; as regras mudam a cada emoção. Liberalismo e Corporativismo se chocam e se compõem novamente. Tudo é improviso, estamos na busca por uma Filosofia Política que atenda ao consenso da sociedade e ainda não sabemos qual será.

Se as Constituições são provisórias como a História tem provado, qual será nosso futuro?

O roteiro da FEB na campanha da Itália

Cláudio Skora Rost

Coronel de Infantaria, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada em 9 de agosto de 1943 e, em 28 de dezembro do mesmo ano, o Gen Div João Baptista Mascarenhas de Moraes foi nomeado para comandá-la. Daí em diante, sua história se confundiria com a própria história da FEB. Ininterruptamente empenhada em combate, durante duzentos e trinta e nove dias, a FEB contribuiu decisivamente para derrotar as forças nazistas na península italiana, avançando mais de quatrocentos quilômetros, libertando meia centena de vilas e cidades e aprisionando mais de vinte mil combatentes inimigos.



★36 37 **★**

país manteve-se neutro em relação à Segunda Guerra Mundial (2ª GM) até o momento em que submarinos alemães, atuando na costa do Brasil, afundaram expressivo número de navios brasileiros, ceifando covardemente a vida de centenas de compatriotas. O chefe da ação, respeitados os compromissos internacionais e fortalecido pela vontade popular para desagravar as covardes agressões à nossa soberania, declarou estado de beligerância à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942.

A Força Expedicionária Brasileira foi constituída por compatriotas de todos os rincões do país, enquadrados pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, atuando na Itália, juntamente com as tropas do V Exército norte-americano, comandado pelo Gen Mark Clark.

Embarcaram rumo à Itália, cruzando o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo, cerca de vinte e cinco mil soldados, em cinco escalões.

NÁPOLES

16 de julho de 1944 OPERAÇÃO DE DESEMBARQUE

As tropas brasileiras seguiram para o continente europeu a bordo do navio Gen Mann e desembarcaram na cidade italiana de Nápoles, em 16 de julho de 1944, a fim de iniciarem as operações de combate contra os alemães e libertarem o povo italiano do nazi-fascismo.

Por via aérea foram transportados cento e onze militares, dentre os quais sessenta e sete eram enfermeiras, uma delas a Maj Elza, que, com seu trabalho dedicado, contribuiu para a preservação da memória da participação da mulher brasileira na 2ª GM, escrevendo inúmeros artigos e criando um museu militar em Maceió (AL).

E, para dar prosseguimento às ações de combate, foram utilizados os meios de transporte marítimo, rodoviário e ferroviário. Com o desembarque na Itália, a FEB assegurou a condição histórica de ser a primeira tropa sul-americana a deixar o seu continente para combater na Europa.

PISA/CAMAIORE

18 de setembro de1944 OPERAÇÃO DE ABERTURA

A Força Expedicionária (com o nome de Destacamento da FEB) empregou inicialmente apenas um terço de sua força operacional sob o comando do Gen Brig Zenóbio da Costa.

A primeira tropa brasileira a cumprir missão de combate em território italiano foi a 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia, de Aquidauana (MS), construindo uma ponte sobre o Rio Arno, permitindo que o Destacamento da FEB atingisse a cidade de Pisa.

Em 18 daquele mês, o Destacamento da FEB obteve a primeira vitória em Camaiore, a qual foi conquistada sem maior resistência, pois os alemães ali mantinham elementos de vigilância que se retiraram à aproximação dos elementos avançados de nossas tropas.

MONTE PRANO

26 de setembro de 1944 PRIMEIROS PRISIONEIROS E BAIXAS

Constituía esplêndido observatório sobre as nossas posições e sobre a planície litorânea, onde se encontrava a 22ª Divisão de Infantaria norte-americana. Em 26 de setembro de 1944 foi conquistado após seis dias de combate, onde foram feitos os primeiros prisioneiros e nós sofremos as nossas baixas iniciais.

De 26 de setembro até o final do ano intensificaram-se as ações de reconhecimento e de preparação para o combate.

MONTE CASTELO

21 de feveiro 1945 OPERAÇÃO DIGNIDADE

Monte Castelo é uma elevação com novecentos e setenta metros de altitude, mais alta que o Corcovado, e foi atacada pela FEB cinco vezes, até ser conquistada. Os insucessos ocorreram por causa da insuficiência de meios para aquela larga frente, e por terem sido realizados ataques frontais contra posições fortificadas e contra tropa experiente da frente russa.

Foi a vitória do moral, tornando-se o símbolo da bravura, da tenacidade, e da determinação dos nossos soldados, vingando o sacrifício das tentativas fracassadas, quebrando o tabu do baluarte que parecia ser inexpugnável e selando a máxima de que o Exército Brasileiro jamais foi vencido.

CASTELNUOVO

5 de março de 1945 OPERAÇÃO MILITAR

Era um importante nó rodoviário de evidente interesse estratégico. Foi o combate de maior expressão tática, a hábil manobra de isolamento de um importante nó rodoviário, que possibilitou o prosseguimento das operações.

A visita do Gen Eurico Gaspar Dutra – Ministro da Guerra – elevou o moral, a vontade de lutar e o prestígio da FEB. Naquele momento, observando que as tropas norte-americanas usavam um distintivo de braço que as diferençava, sugeriu que a tropa brasileira também adotasse aquele sistema. Levantou, assim, a ideia de se representar em desenho a frase: A Cobra está fumando.

MONTESE

14 de abril de 1945 OPERAÇÃO SOFRIMENTO – PROVA DE FOGO

Montese é uma pequena cidade, quase um vilarejo, valorizado pelo importante nó de estradas e elevações, local onde se deu o combate mais sangrento e o de maior valor, por dar início ao término da guerra na Itália.

O período que antecedeu sua conquista foi o de defensiva agressiva com intensa atividade de patrulhas, ocasião em que veio a falecer o Sgt Max Wolf Filho, recebendo a promoção a oficial post mortem, por ato de bravura. Após a tomada de Montese pela FEB, os alemães desfecharam sobre a localidade a maior concentração de fogos de artilharia jamais vista até então.

A conquista de Montese repercutiu favoravelmente nos altos escalões e mereceu dos generais norte-americanos os mais elevados elogios.

ZOCCA

20 de abril de 1945 OPERAÇÃO PERSEGUIÇÃO

Zocca, localidade situada a noroeste de Montese e a cinco quilômetros do Rio Panaro, cortada por estradas secundárias, adquiriu expressão defensiva episódica, pela necessidade de sua transposição pelos elementos motorizados, tanto das forças nazistas que retraíam, como das brasileiras que as perseguiam.

Alguns prisioneiros capturados pelo 6º Regimento de Infantaria informaram que toda a margem norte do Rio Panaro estava minada, o que fez presumir que os alemães estavam em retirada. O 9º Batalhão de Engenharia foi empregado para remover as minas, recuperar e reparar as estradas e as pontes destruídas pelo inimigo, permitindo o avanço e a perseguição ao inimigo em retirada.

COLECCHIO

26 de abril de 1945 OPERAÇÃO DE CERCO

Em Colecchio é aprisionada a vanguarda inimiga e são feitos alguns prisioneiros de guerra, os quais informaram que a divisão alemã pretendia efetuar a retirada para o norte. O Gen Mascarenhas de Moraes aciona o seu Estado-Maior no sentido de elaborar uma Ordem de Operações, prevendo o cerco dessa divisão, e retira da Artilharia as suas viaturas para transportar as tropas e, assim, dar maior velocidade à Infantaria, permitindo o aprisionamento das tropas alemãs.

FORNOVO

28 de abril de 1945 OPERAÇÃO DE COROAMENTO

A manobra brasileira, com o aprisionamento da vanguarda e com o cerco do grosso do inimigo, não lhe deixou alternativa, senão a rendição incondicional. Foi a consagração da manobra estratégica e a consolidação das ações da FEB nos campos da Itália.

A rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã resultou na captura de aproximadamente 15.000 prisioneiros de guerra, 1.000 viaturas motorizadas, 1.500 viaturas hipomóveis, 80 carroças e mais de 4.000 cavalos.

A manobra de Fornovo foi o epílogo de uma operação bem planejada de perseguição, à qual não faltou audácia, rapidez e pronta decisão por parte dos brasileiros.

E onde estão os nossos heróis?

PISTÓIA

CEMITÉRIO MILITAR BRASILEIRO

Em Pistóia ficou um pedaço da FEB – jardim da nossa saudade ao pracinha que não voltou com suas cruzes brancas, sendo quatrocentos e cinquenta e seis mortos da FEB, oito oficiais da Força Aérea Brasileira e quarenta militares alemães, cujos corpos foram recolhidos pelo Pelotão de Sepultamento da 1ª DIE, em nossas linhas de combate.

Em 22 de dezembro de 1960, o Governo brasileiro providenciou a remoção dos restos mortais dos nossos heróis, de Pistóia para o Rio de Janeiro, a fim de repousarem, definitivamente, no Mausoléu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, vulgarmente chamado de Monumento dos Pracinhas, erigido para esse fim, no Aterro do Flamengo.

SUSA JUNÇÃO COM AS TROPAS FRANCESAS

Fim da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Em 2 de maio de 1945 acabava a guerra na Itália e, em 8 de maio, terminava na Europa, com a vitória dos Aliados e a rendição definitiva da Alemanha.

Por último, ao final de oito meses de campanha, a FEB apresentou os seguintes dados numéricos:

RETORNO

Ao regressar ao Brasil, os pracinhas da FEB foram recepcionados com grande entusiasmo popular. O primeiro escalão desembarcou no Rio de Janeiro, no dia 18 de julho de 1945. A volta dos brasileiros que combateram na Itália sem dúvida precipitou a queda do Presidente Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo, inaugurando uma nova fase de redemocratização na História do país.

É hora de concluir a apresentação sobre o Roteiro da FEB na Campanha da Itália e contribuir, desta forma, para o entendimento da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, tema pouco conhecido de todos nós, brasileiros.

Àqueles que tombaram no campo de batalha, a certeza de que a sua luta não foi em vão.

E assim, a Cobra fumou!

Efetivo total da FEB	25.334
Integrantes da FEB prisioneiros	35
Mortos da FEB	457
Feridos no Teatro de Operações	2.722
Desaparecidos (10 sepultados como desconhecidos)	23

≯38 39**⊀**



MILITARES OLÍMPICOS

Míriam Leitão Com Marcelo Loureiro Jornalistas

s brasileiros já estão se acostumando a que o atleta no pódio, ao ver subir a bandeira, bata continência. É natural que o militar ao ver o pavilhão nacional faça continência, não é obrigatório, claro, mas ele foi treinado assim, diz o ministro Raul Jungmann. O gesto chamou a atenção para a presença das Forças Armadas na Olimpíada. Os militares são 33% dos atletas e 81% das medalhas.

Um dos segredos do sucesso do programa militar é que os atletas passam a ter um patrocínio por oito anos, diz o ministro da Defesa.

– Alguns dos nossos atletas não teriam como se dedicar ao esporte se não fosse o apoio das Forças Armadas, porque aqui eles têm estabilidade e segurança. Daí deriva o sucesso. O patrocínio privado normalmente é do tipo "stop and go".

Eles são convocados através de edital público, e escolhidos após análise do currículo. Se forem selecionados, fazem um curso compacto de entrada nas Forças Armadas e passam a ser terceiro-sargento com um salário de R\$ 3.200 e apoio de treinador, psicólogo, serviço médico, odontológico e acompanhamento do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Fisiologia Desportiva. São reavaliados anualmente. Podem ficar oito anos, ou sair no momento que queiram. Se decidirem permanecer, fazem um concurso.

– Mas existe também um programa chamado Força no Esporte que atende a 21 mil crianças, que passam a ter acesso às unidades militares, alimentação, ensino de esportes. E agora estamos começando um projeto, que ainda está na fase piloto, de apoio ao esporte paralímpico.

O custo do programa de atletas de alto rendimento e mais o de apoio às crianças no esporte é de R\$ 48 milhões por ano; baixo se for levado em conta o benefício.

Há licões a se tirar disso. Primeiro. que o apoio ao esporte deve ter essa constância, dar ao atleta uma renda estável para que ele possa se dedicar aos treinamentos; segundo, que a vantagem de apoiar o esporte é muito maior do que o que é possível mensurar. É intangível o retorno para a imagem das Forças Armadas ter uma medalhista de ouro no judô que enfrentou todo o tipo de preconceito, como a Sargento da Marinha Rafaela Silva. Ou ter o Sargento da Aeronáutica, Thiago Braz, com a coragem de pôr o sarrafo a uma altura que nunca havia atingido antes e assim alcançar o ouro no salto com vara. Ou ter o Sargento da Marinha, Robson Conceição, que ao ganhar o ouro diz que se não fosse o boxe ele poderia não estar vivo. E ainda a exposição favorável na mídia da nossa primeira medalha, que foi conquistada pelo Sargento do Exército Felipe Wu, prata no tiro.

Para além da rentabilidade financeira ou de marketing, o que fica claro num evento como a Olimpíada é que o apoio do país ao esporte é pequeno demais para a dimensão do ganho que se pode ter com isso. Nosso desempenho depende várias vezes de histórias dramáticas de superação, luta e esperança dos atletas. Alguns poucos se destacam, mas há milhares de histórias de dedicação sendo vividas. Só nas Forças Armadas são 670 atletas treinando.

O Programa de Atletas de Alto Rendimento começou em 2008 com a meta de obter medalhas nas Olimpíadas Militares, que seriam realizadas no Brasil em 2011. O Brasil ficou em primeiro lugar em medalhas, e quatro anos depois ficou em segundo, perdendo apenas para a Rússia. Para a Olimpíada de Londres foram 51 atletas militares. Na do Rio, há quase três vezes mais competidores.

O Ministério da Defesa já tem programação para os Jogos Mundiais Militares de 2019 e para a Olimpíada de 2020, com o objetivo de apoiar mais atletas e trazer mais medalhas. O que outras instituições e empresas do país devem fazer é ter programas assim de longo prazo, com metas e a mesma constância no apoio aos atletas e às diversas modalidades de esporte.

Pode-se tentar calcular a vantagem do marketing esportivo, mas os ganhos do investimento em esporte são tão grandes que é fácil entender as Forças Armadas, difícil é entender como não existem outros programas como esses, inclusive financiados pelas empresas privadas. A inconstância do patrocínio, tanto no esporte quanto na cultura, faz com que bons programas sejam abandonados ou tenham de cumprir um calvário para obter anualmente a renovação do apoio

Ten Brig Ar Sergio Pedro Bambini sergio.p.bambini@gmail.com

A BATALHA

medida que fui me tornando antigo em minha carreira de Oficial da Aeronáutica, percebi que havia uma coisa que incomodava, e muito, os companheiros que já haviam sido transferidos para a civil quer seja militar. Reserva.

Nada que fosse grave, vergonhoso, prejudicial, ou mesmo, humilhante, mas que os incomodava, sim, como incomodava.

Qual o problema? Simples.

O companheiro entrar em uma Organização Militar da área da Saúde, Posto Médico, Esquadrão de Saúde, Hospital,

Laboratório, e ser recebido como se fora um civil, sem qualquer referência ao seu Posto ou Graduação, como lhe confere direito o Estatuto dos Militares e a mais comezinha educação, quer seja

E o que fiz?

Bom, como Comandante do Grupo de Serviços de Base de duas Bases Aéreas, recomendei enfaticamente aos Comandantes dos Esquadrões de Saúde, setores a mim subordinados, para orientarem seus subordinados no sentido de tratarem os militares inativos por seus postos ou graduações, como se ainda

na Ativa estivessem. A mim pareceu ter funcionado.

Ao ser designado para comandar uma Base Aérea, coloquei, na Diretriz de Comando, minha preocupação sobre o assunto e a respectiva recomendação: Militares da Reserva devem ser tratados por seu posto ou graduação em gualguer Seção da Base e, de maneira especial, no Esquadrão de Saúde.

Não recebi queixas nessas oportunidades, donde deduzo que minhas recomendações tenham sido consideradas e a orientação seguida.



OUE EU PERDI

Como Major-Brigadeiro, comandei o V COMAR e, embora o Hospital de Área de Canoas – HACO fosse subordinado à Diretoria de Saúde da Aeronáutica -DIRSA, fazia parte da Guarnição de Aeronáutica de Canoas, cuio Comandante era eu. O Diretor da Unidade aceitou minha orientação e sei que exigia e fiscalizava a forma como seus subordinados se dirigiam aos militares inativos. Ouvi, no entanto, queixas, não muitas, em ocasiões em que recebia os militares da Reserva para, por exemplo, praticarem tiro, com suas armas portáteis, no estande do COMAR.

Ao ser promovido a Tenente-Brigadeiro, fui designado Comandante-Geral do Pessoal. Ao redigir minha Diretriz de Comando e recomendar, enfaticamente, a forma de os militares inativos serem recebidos nas OM subordinadas, com enfoque especial nos hospitais, pensei: Desta vez eu resolvo este problema.

A cada visita, a cada reunião, e não foram poucas, lembrei e recomendei aos Diretores a necessidade de os militares da Reserva serem recebidos com dignidade e tratados por seus postos e graduações. Logo percebi que pregava no deserto.

Em visitas a hospitais, passando pelos locais de atendimento, ouvia aquele chocante e ofensivo chamado: - Sr. Sérgio, e via aquele Coronel, aquele Suboficial, ou aquele Cabo, às vezes com seus ombros já curvos por jornadas mil em proveito do cumprimento da missão a eles confiada. Olhava depressa para ver quem estava chamando e lá estava um Oficial, que podia ser um Tenente,

um Capitão ou, eventualmente, um Major. Às vezes, um Cabo auxiliar ou, mesmo, um Soldado, referindo-se ao paciente militar como: - Senhor Fulano.

Confesso: pensei muito sobre o problema e um determinado dia, em minha caminhada da madrugada, encontrei o que pensei ser a solução, que, a meu ver, resolveria o problema, que passara a me incomodar muito.

Chamei o Major Pires Nader, meu Assistente, um Oficial dotado de incrível criatividade e um verdadeiro mago no uso do computador. Pedi a ele para bolar e criar um distintivo para o pessoal inativo. Como parâmetros, disse a ele que a peça deveria contemplar todos os postos e graduações e deveria poder ser visto, com todos os seus detalhes, a uns cinco ou seis metros de distância. espaço que separa, normalmente, a porta de um consultório das poltronas da sala de espera.

O objetivo era o militar, portando seu distintivo sobre o bolso da camisa, ou do paletó, ser facilmente identificado por quem o recebesse em qualquer Organização Militar.

Passadas algumas semanas, o Major Pires Nader trouxe-me uma coletânea de desenhos. O distintivo trazido por ele era baseado no crachá dos bonés dos militares ativos, substituindo o núcleo do crachá pelo símbolo do posto ou da graduação, indo de S1 até Tenente-Brigadeiro. Gostei muito.

Pedi pequeníssimas modificações, que foram feitas, inclusive com a colaboração de meu Chefe de Estado-Maior, Maj Brig Viana.

Terminadas as modificações calcadas nas sugestões recebidas, o Maj Pires Nader apresentou seu proieto a todo o efetivo do Comando do COMGEP. Sucesso absoluto.

Tratamos, então, de tornar viável a ideia em fase de concretização. Pedi ao Maj Brig Lustosa, Diretor de Intendência, para providenciar modelos em metal, o que foi feito de forma surpreendentemente rápida.

Recebidos os modelos, escolhidos os de melhor aspecto visual, providenciei uma apresentação para os membros do Alto-Comando da Aeronáutica. Nessa apresentação, historiei minhas antigas preocupações e, como resultado, não houve qualquer dificuldade em obter a aprovação por unanimidade.

Aprovado o Distintivo dos Militares da Reserva e Reformados, ele foi confeccionado pela Diretoria de Intendência e colocado à venda nos Postos de Venda de Peças de Fardamento, à disposição dos interessados.

Pouco depois, deixei o Comando do COMGEP.

Os distintivos foram colocados à venda, no entanto poucas vezes vi um militar inativo usando-o em um hospital, por exemplo.

Os militares da Reserva e Reformados não usam o distintivo e continuam a ser chamados, em nossas Organizações, como se civis fossem, e pior, continuam reclamando da forma como a eles se dirigem os atendentes.

E eu perdi, fragorosamente, essa batalha!

Dos limites da responsabilidade de HENRI PITOT

Luiz Carlos Rodriguez Rodriguez

Cel Av

luizrrodriguez@gmail.com



om o advento dos GPS e do radioaltímetro, o bravo sensor pitot. inventado no século XVIII, deveria estar gozando merecida aposentadoria! Inventado pelo matemático e astrônomo francês Henri Pitot (1695-1771), quando estudava mecânica dos fluidos no Rio Sena. hoje corre o risco de ser responsabilizado pelo desastre do Airbus 330, do voo 447 da Air France.

Os Velhas Águias da FAB, bem sabiam carecerem de confiabilidade as indicações dos velocímetros, climbs e altímetros, fornecidas pelo tubo de pitot, quando inopinadamente penetrayam com suas aeronaves em um cúmulo-nimbo (CB). Na verdade, aqueles pilotos sequer dispunham de radares que lhes permitissem desviar suas rotas daquelas temíveis formações. Quando inevitáveis, passavam a confiar em seus sensores humanos para corrigir ou não velocidade e altura informadas por aquele instrumento, que se limita a calcular e informar o diferencial das pressões barométricas, total e estática, sendo que esta oscila caoticamente no interior de um CB.

Fra o caso dos bombardeios RB-25 Mitchel, protagonistas do filme Trinta Segundos sobre Tóquio, baseado em fatos reais ocorridos na Segunda Guerra Mundial. Em 18 de abril de 1942, o Coronel James H Doolitle decolou, sem volta, do porta--aviões Hornet, seguido de guatorze outros RB-25, voando rasante, a seis metros de altura sobre o mar, para surpreender os japoneses bombardeando Tóquio e outros objetivos militares.

A partir de 1964, o então Major-Aviador Carneiro de Campos comandava o 1º/10º GAv, esquadrão sediado na Base Aérea de Cumbica, que passara a contar com os dez RB-25 Mitchel remanescentes da Segunda Guerra Mundial e da FAB, cuja principal missão era o reconhecimento meteorológico. A operacionalidade daquele esquadrão era tal que o efetivo da Base Aérea acertava seus relógios quando ouvia o roncar de ambos os motores do bombardeiro leve que decolava, pontualmente, às 8h, em direção ao núcleo da frente fria que deveria estar adentrando no espaço aéreo brasileiro, oriunda do arco Atlântico Sul. Uruguai e Argentina.

Após estabilizar em voo de cruzeiro. entre as altitudes de 2.4 mil a três mil metros, o oficial meteorologista era convidado pelo Comandante da tripulação a assumir seu posto de observação no nariz de vidro do avião, portando suas ferramentas de trabalho constituídas de termômetros. barômetros, higrômetros, pranchetas etc.

Quando os pilotos visualizavam a coisa preta, tratavam de preparar previamente o guerreiro RB-25 antes de enfrentar eventual CB. Para isso, ligavam o aquecimento do tubo de pitot; reduziam a velocidade de cruzeiro de 230 MPH para 180 MPH, com vistas a reduzir os esforcos estruturais em suas asas e superfícies de comandos (ailerons); e, ao mesmo tempo, aumentavam a rotação das hélices, objetivando manter aquecidas as cabeças dos cilindros dos motores. Caso contrário, abaixo de determinada temperatura limite, os motores começavam a tossir, alertando que, naquelas condições, não se responsabilizariam por seu eventual apagamento. O importante era a missão, que se resumia em determinar a eventual ocorrência e potencialidade dos CB, com a finalidade de alertar, via radiotelegrafista, as aeronaves comerciais a desviarem daguela rota, em face do enfrentamento de severas e perigosas turbulências.

A prévia preparação permitia ao piloto determinar a correta altitude do avião, a ser mantida manualmente em relação ao instrumento conhecido por Horizonte Artificial. Por funcionar baseado em dispositivos giroscópios, independente das variações de pressões estáticas, é o único instrumento confiável em condições meteorológicas adversas. Malgrado os avanços da intelligentsia, ainda não foi desenvolvido computador que não seja inconseguentemente burro a ponto de derrubar um avião baseado em informações sem registro emanadas do tubo de pitot.

De nada adiantará, pois, substituir o fabricante dos tubos de pitot dos airbuses, se não for recomendado aos pilotos prepararem a aeronave antes de entrar em CB, e jamais se olvidarem de ligar o aquecimento do tubo de *pitot* e desligar o piloto automático

> Publicado em 13 de julho de 2009 no jornal O Liberal de Belém do Pará.



s primeiros voos do Correio Aéreo Nacional (CAN) para o Acre transcorriam sempre repletos de aventuras e, principalmente, de muito trabalho. O velho DC-3, que era então o avião de transporte mais moderno da FAB, levava dois dias de voo para chegar a Rio Branco, capital do Acre, com pernoite em Cuiabá.

Tivemos o prazer de realizar o terceiro voo para aquela região. Esses voos eram muito interessantes, não somente do ponto de vista técnico, como, também, humano. Do técnico, os mapas existentes não eram precisos, e havia erros de até trinta quilômetros quanto à localização dos lugares, como foi o caso de Sena Madureira. Além

disso, os rios marcados nos mapas somente eram visíveis quando sobrevoados, pois a vegetação não permitia que fossem vistos a muita distância. Os voos eram feitos numa altitude de 6.000/8.000 pés. Em vista desta dificuldade, o comando do CAN resolveu que sempre fizesse parte da tripulação um Navegador. Sendo estes poucos, e havendo um voo por mês, realizamos muitas viagens para aquela região.

No Acre, com exceção de Rio Branco, não havia, na época, radiofarol nos lugares de pouso para orientar a tripulação. Assim, quando o tempo estimado para o voo se esgotava sem que fosse visto o lugarejo, iniciava-se um voo de quadrado crescente até se encontrar o campo de pouso. O quadrado crescente era um voo em que se faziam dois lados de um quadrado e depois mais dois lados maiores do que os primeiros, e assim por diante. O comprimento dos dois lados iguais dependia da altitude e da visibilidade.

Do ponto de vista humano, esses voos eram emocionantes, pois sentíamos que estávamos fazendo um grande bem àquele povo. Pode-se imaginar, sem esforço, o que significava a chegada de um avião, principalmente os primeiros, porque jamais haviam aterrissado aviões de transporte naqueles campos improvisados e tão perigosos. Quase todos ficavam localizados

perto de rios, pois os lugarejos viviam em função destes, único meio de transporte, visto não haver, na época, qualquer estrada transitável. A viagem entre Feijó e Tarauacã, no Acre, era feita pelos rios Envira, subindo, e Tarauacã, descendo. Podia levar até trinta dias, quando por avião levava menos de trinta minutos. Na época da seca, ficavam sem transporte fluvial.

Quando o avião conseguia pousar na pista (o que nem sempre era possível na época das chuvas, ocasião em que se faziam alguns voos rasantes, lançando-se o malote do correio e seguindo-se para o próximo lugar), aquela gente toda, que o aquardava uma vez por mês, vivia um dia de festa. Descia a tripulação – algumas vezes sob aplausos – encaminhando-se para um lugar especial, cercado por arame farpado, com um cubículo coberto de folhas de palmeiras, onde os residentes do lugar não eram admitidos, com exceção do Prefeito e do Juiz. Lá encontrávamos, à nossa espera, um lanche especial, com as frutas mais gostosas do lugar, além de pedaços de peixe frito e outras coisas mais. Tudo era para os aviadores, e os quitutes eram levados por anônimos que não apareciam, mas queriam agradar a tripulação.

Passava-se ali não mais de trinta minutos, tempo suficiente para a descida dos passageiros, descarga de material, subida de novos passageiros, carga e mais alguns minutos para que o Sargento, mecânico do avião – o mais sacrificado de toda a tripulação -também saboreasse, às pressas, o maravilhoso lanche. Decolava-se para outra localidade e idêntica cena se repetia: a mesma alegria, os mesmos sorrisos e olhares, algumas vezes maliciosos, em direção às moças mais bonitas que ali se encontravam, formando aquela corrente magnética contagiante, esquecendo elas talvez, por alguns minutos, a vida dura e de pobreza que levavam no meio da Floresta Amazônica. Apresentando-se com os seus melhores vestidos de chita, bem passados e limpos, de repente, como por milagre, tudo em volta delas virava alegria.

★46 47 **★**

Finalmente, ao término da viagem, se chegava a Cruzeiro do Sul, a cidade mais ocidental do Brasil, e tudo começava de novo. Agora era a vez da alegria daqueles que ocupavam um dos vinte e oito lugares para a viagem à civilização — Rio Branco, São Paulo ou Rio de Janeiro — e também da despedida, pois somente no mês seguinte chegaria outro avião para renovar idênticas emocões.

A chegada a Rio Branco era sempre uma agradável sensação, visto que aquela região era o lugar mais civilizado. Ali havia a casa dos aviadores, onde se podia tomar um reconfortante banho quente, saborear uma gostosa alimentação com sucos de frutas, tudo preparado com muito carinho por uma idosa baiana, que conservava o ambiente muito limpo, confortável e aconchegante.

O aeroporto da cidade tinha sua pista toda construída com tijolos, que eram fabricados pelos presos, visto que na região não havia pedras. As ruas da cidade também eram calçadas com tijolos. As crianças só aprendiam o que era uma pedra quando mostrada ou retirada do museu da escola.

O primeiro pernoite, quando da chegada do Rio de Janeiro, era sempre celebrado com um jantar no palácio do Governador, onde recebia as últimas informações e novidades das grandes capitais.

Naquela primeira noite, escutava-se, dos alto-falantes da praça principal, a retransmissão dos avisos da estação de rádio do palácio, que dava as últimas informações sobre a saída e os pormenores da viagem no dia seguinte. Avisava-se sobre quem iria viajar e as encomendas a serem embarcadas. Era o início da agitação, que ia até às vinte e duas horas, quando então as luzes se apagavam e o corpo cansado, após intensas atividades começadas sempre às cinco da manhã, recebia o justo e merecido prêmio do sono.

O primeiro voo era sempre o mais longo, e terminava em Cruzeiro do Sul, conforme descrito acima, com pousos na ida e na volta em Sena Madureira, Feijó, Tarauaçã e Cruzeiro do Sul. No segundo dia, fazia-se um voo mais descansado, com pousos em Xapuri e Brasileia, e quando chovia um pouco ele era feito em Cobija, na Bolívia. No dia dessa viagem, regressava-se a Rio Branco cedo, na hora do almoço, e aproveitava-se a tarde para descansar e fazer um passeio para ver o Rio Acre e a praça principal, com seus enfeites e figuras nos canteiros, aproveitando garrafas vazias. As garrafas de cerveja e outros refrigerantes não tinham retorno, por não ser econômico o seu transporte, e, por isso, sobravam em grande quantidade na região.

O dia seguinte era o dia do regresso ao Rio, e a rota de chegada era a mesma, só que nesta viagem já havia pressa para escapar à solidão e ao atraso. Os pousos eram feitos em Guajará Mirim e Forte Príncipe da Beira, este com seus contornos perfeitos, apesar de ter sido construído pelos portugueses há alguns séculos. O que impressionava naquele lugar era o Destacamento do Exército, servindo num lugar quase inacessível para manter a soberania nacional sobre a região.

Pousávamos depois em Vilhena, lugar perdido no mato; mais adiante em Mato Grosso, antiga capital do estado do mesmo nome; em seguida Cáceres e, finalmente, Cuiabá.

A última etapa, após um confortável pernoite em Cuiabá, eram os pousos nas cidades de Campo Grande, Três Lagoas, Bauru, São Paulo e Rio de Janeiro.

A nossa terceira viagem teve início no Aeroporto Santos-Dumont. As revistas e iornais destinados aos longínguos moradores já tinham sido comprados. A despesa, nem sempre pequena, corria por conta de todos os tripulantes, Oficiais e Sargentos. A satisfação estampada nos rostos daquelas humildes criaturas que recebiam com lágrimas nos olhos um simples iornal ou revista valia como recompensa. Era mais um serviço que o CAN prestava aos nossos irmãos, e do qual, acredito eu, os Comandantes tinham conhecimento. Dessas pessoas que recebiam jornais e revistas – aliás, nem sempre as mesmas, quem mais profundamente marcou a nossa memória foi um idoso, Juiz Federal de Tarauacă, que fora transferido de São Paulo para aquele ermo lugar por motivos políticos. Este senhor, sempre impecavelmente vestido de terno branco, com colete, ficava meio afastado, longe dos que pediam seu jornal ou revista. A ele nós nos dirigíamos com um maço de jornais antigos e novos, além de revistas. Não esperávamos nem sequer o início do obrigado, para não assistir à emoção de um senhor culto recebendo uma vez por mês notícias e informações com as quais, por ironia, convivera toda a vida, antes da maldita transferência.

O DC-3 decolou do Rio ao nascer do dia, sem sol ainda, para o início de mais uma maravilhosa viagem. Os pousos eram sempre os mesmos, a chegada a Rio Branco, a volta a Rio Branco de Cruzeiro do Sul, a passagem por Tarauaçã, em meio ao entusiasmo, à alegria, à dedicação, à curiosidade e até a algumas amizades com pessoas que víamos pela terceira vez, sem saber nomes, ali presentes por tantos motivos diferentes. O preparo para o segundo pernoite em Rio Branco estava acontecendo na casa dos aviadores, ao lado da prisão estadual, com o cheiro da comida enchendo a casa, e o cansaço e a fome chegando ao auge. O anoitecer aproximava-se silenciosamente, e os oficiais, cada um em seu quarto, aquardavam o jantar. Quando já estávamos sentados à mesa, chegou um iipe do palácio, avisando que o Governador precisava conversar conosco sobre uma missão especial para o dia seguinte.

Missão: transporte de três vacas prenhes para Tarauacã. Após o primeiro espanto dos três Oficiais que atenderam ao chamado do palácio, houve troca de ideias, concluindo-se que as vacas seriam transportadas uma de cada vez, sendo montada uma armação de macieira no avião, pois elas teriam de entrar no aparelho andando. A porta do DC-3 não permitia que ela fosse içada, não havendo, tampouco, guindaste para isso. O grande perigo estava no seu deslocamento dentro do avião, pois este

obedecia a um balanceamento rigoroso. É fácil imaginar o que aconteceria se uma delas, nervosa, começasse a dar pinotes e a correr pelo avião, desde a cauda até a frente. Seria fatal para todos, porque bastaria um bom coice para furar a chapa de alumínio. O balanceamento de um avião consiste na colocação de carga ou peso, distribuídos por seções marcadas, a fim de que ele, em pleno voo, não fique com a cauda mais baixa ou pendente para um ou outro lado. O balanceamento era normalmente feito pelo Sargento mecânico de voo, por meio de uma régua de cálculo especial, específica para aquele avião.

Voltamos ao alojamento e informamos os dois Sargentos, que ficavam na casa ao lado, a respeito da nossa missão extraordinária para o dia seguinte. E, assim, pelo menos mais dois perderam o sono, apesar do longo e cansativo dia transcorrido. O serviço de rádio, por sua vez, já dera a notícia de que na manhã seguinte seguiriam as três vacas.

No dia seguinte, decolamos ao raiar da aurora para efetuar a missão normal para Xapuri e Cobija, regressando bem antes do meio-dia. O almoço foi no próprio aeroporto.

Logo após o nosso pouso, tivemos a primeira surpresa. O madeirame, ou lados do engradado para a vaca, tinha sido feito de ripas fininhas, que mesmo depois de montadas no avião eram muito frágeis. A desculpa que recebemos foi a de que não havia outra madeira no local; tinha que ser aquela mesma. O negócio era tão frágil, que bastaria que a vaca se apoiasse no madeirame, ou desse um leve espirro, para tudo ir por água abaixo.

A multidão se comprimia no aeroporto, porque toda a cidade sabia do embarque das vacas. Quando a rampa improvisada ficou em posição correta, a primeira delas foi aparecendo. Não se sabe se por causa do calor do meio-dia, ou por outro motivo qualquer, ela parecia até muito comportada e, sem grandes esforços, começou a subir, entrando lentamente no avião e penetrando no engradado. O que nos deixou preocu-

pados foi o fato de o peão gritar seu nome a plenos pulmões, insistindo com ela para que não fizesse barulho com sua pisada forte na chapa de alumínio. Seu nome era MANHOSA. Entramos no avião, passamos espremidos pelo engradado para chegar à cabina, com a pulsação elevadíssima, em meio à atmosfera tensa de grande aventura.

Começava ali um voo diferente e ninguém podia ou ousava apostar qual seria o final. Tudo dependia do estado de espírito de MANHOSA. A porta do avião foi fechada e logo o primeiro motor começou a roncar. Nenhum dos tripulantes olhava para o motor ou para os instrumentos. Todos os olhares se concentravam em MANHOSA. Acionado o segundo motor, continuava ela quieta. Começou o táxi para a cabeceira da pista e tudo bem.

Iniciou-se a decolagem na pista feita de tijolos, muito desnivelada, aliás, em direção à cidade. Com os motores roncando ao máximo, o avião sacolejou até iniciar o voo. A MANHOSA continuava estática. Seria a vibração, o barulho, ou talvez a Mão Protetora lá de cima dando uma atenção especial ao nosso avião? Chegamos à altitude de voo e. com alguma turbulência por causa da formação de nuvens, voamos mais de uma hora até sobrevoar Tarauaçã. Lá de cima via-se a multidão: toda a cidade. bem como seus vizinhos mais próximos estavam ali para assistir ao acontecimento do século. O avião pousou de leve e parou um pouco afastado do ponto normal. Descemos e nos encaminhamos para o toldo, por causa do sol forte. Muitas pessoas ajudaram a colocar a rampa para a descida da vaca. Tudo pronto, todos se afastaram para trás da cerca do aeroporto. Formou--se um silêncio total. Ouviam-se somente algumas marteladas. Lá dentro do avião, o mecânico do voo e um peão. De repente os gritos: comecava a aparecer o traseiro da vaca, que logo em seguida se virava para iniciar a saída. Foi um verdadeiro delírio: palmas, gritos, uma corneta mal tocada a todo vapor, ela descendo e, ao tocar o chão. saltando, correndo, dando pinotes e coices no ar. Era a apoteose, o deslumbramento,

o delírio! A vaca se cansou e ficou ao lado da pista, à procura de capim, que havia ali em abundância.

Em seguida, entramos a bordo do avião e voltamos para Rio Branco. O aeroporto ainda estava lotado de gente. Aquilo agora era o circo, o maior *show*, o máximo em diversão, porque lá nem cinema havia.

A segunda vaca, a ESTRELA, encaminhou-se lenta e maiestosamente para a rampa, decepcionando a multidão, que esperava justamente o contrário. O peão gritava tanto o seu nome, que ela deve ter ficado atordoada com tanto barulho. entrando lentamente no engradado. Tudo pronto. Foi dada a partida nos motores e iniciada a segunda viagem. Mais uma vez confirmava-se a teoria de que na Aviação o perigo só era motivo de tensão quando se iniciava, porque depois, ainda que sob as mesmas condições de perigo, a emoção da tripulação era diminuída e aquele gosto de aventura, a palpitação forte, já não existia Tudo foi feito dentro da técnica e de acordo com as normas de segurança, mas este segundo voo já nos pareceu mais longo do que o primeiro.

A mesma multidão se encontrava no Aeroporto de Tarauacã e tudo se repetiu como se houvesse sido ensaiado, incluindo o corneteiro, que continuava péssimo. Desta vez tudo foi feito com pressa, porque o terceiro voo não podia chegar a Tarauacã depois do pôr-do-sol.

Voltando a Rio Branco, encontramos uma multidão menor e menos excitada. A tripulação nem saiu da cabina e somente o motor esquerdo foi desligado para que AMAZONAS, a terceira vaca, subisse ao avião. Tudo às pressas, com muita gritaria. Fechou-se a porta do DC-3 e decolamos para o terceiro e último voo daquele dia. Os rumos, a deriva e as correções na rota permaneceram os mesmos; o voo agora era contra o pôr-do-sol, porque no escuro ninguém poderia pousar naquela pista, um campo de futebol alongado e com vacas soltas perambulando.

Pousamos quando o sol dava o último piscar no horizonte. A multidão diminuíra

★48 49 **★**

ainda mais, continuando com aqueles que acreditavam que naquele dia poderia acontecer alguma coisa diferente ou talvez uma tragédia. Nem a saída da AMAZONAS provocou qualquer sensação, porque ela desceu do avião com dignidade e muita calma, seu peso bem distribuído.

Terminado o serviço, retiramos as nossas malas e fomos conduzidos ao único hotel existente no lugar, uma casa comum com quatro quartos. Fomos levados para o nosso quarto e, com surpresa, verificamos que só havia uma cadeira no canto e nada mais. Ao ser indagado sobre as camas, o rapaz apontou para os ganchos de redes e informou que estas ele traria depois. Houve uma rápida reunião da tripulação quando se explicou que nós não podíamos dormir em rede, porque no dia seguinte a jornada seria muito dura e um sono normal era absolutamente necessário. Lembraram-se então de que havia somente três camas naguela cidade, pertencentes ao Juiz. De qualquer maneira, dariam um jeito.

Já com a toalha na mão, perguntamos pelo banheiro. Indicaram-nos então uma cobertura de palha, sob a qual havia uma espécie de ponte saindo da casa e circundando uma caixa de madeira de um metro cúbico, cheia·d'água. Deram-nos uma cuia e o banho, afinal, acabou sendo reconfortante. Como já estava bem escuro, não deu para perceber se havia alguma plateia de curiosos assistindo ao ritual. A verdade é que o aviador, naquela época, era o mesmo que um astronauta da época atual.

Voltamos ao quarto com aquela cadeira muito solitária e nos preparamos para o jantar. O aroma dos condimentos e frituras enchia o ar, quando nos dirigimos à sala da frente, que seria de recepção, sala de jantar e de estar, com uma mesa, dois bancos e duas cadeiras. Ficamos sentados à mesa sem toalha, com cinco pratos fundos virados para baixo. Verificamos depois que o garfo e a faca haviam sido guardados em baixo deles.

Havia certo vozerio e agitação na cozinha, com vozes femininas sobressaindo, e nada de aparecer a comida. Passados mais de quinze minutos, indagamos o que estava acontecendo; mais uma surpresa surgiu com a explicação de que as mulheres que haviam preparado a comida estavam com vergonha de servir os aviadores, mas em poucos minutos seria servido o jantar.

Risadas e mais agitação na cozinha, quando de repente aparece na porta a salvação: uma figura sorridente com um dente de ouro, uma túnica comprida de uniforme de gala, fechado na gola e, ao invés de botões, tampinhas de garrafas de cervejas, em duas fileiras, descendo do peito; calça vermelha e sapato de borracha. Ex-palhaço de circo e músico — o tocador da corneta mencionado acima.

Apresentou-se como se estivesse no picadeiro, recitou alguns versos, fez elogios à tripulação e referência à chegada das vacas. Começou então a trazer os pratos de comida. Novamente o delírio, desta vez o da tripulação. A agitação e as gargalhadas eram tantas, que comemos, e bebemos refresco de guaraná amargo, feito no lugar, sem ao menos lembrar o que fora servido. Terminado o jantar, recebemos o convite do Prefeito para o baile dos aviadores, logo mais, ali pelas oito horas da noite.

Chegamos ao lugar do baile. Um salão ao lado da igreja com muitos curiosos em volta, cheio de homens e rapazes conversando sob a fraca iluminação. Fomos levados até a porta e novamente a surpresa. As mulheres e garotas sentadas nas cadeiras encostadas nas paredes e os únicos homens, a tripulação, o Prefeito e a orquestra composta de um violeiro e o nosso já conhecido corneteiro e também garçom.

Começou a música, o barulho. O corneteiro se esforçando em caprichar, emitindo sons que tanto podiam servir como toque de recolher da tropa, a entrada no picadeiro da bailarina principal, ou o toque de silêncio num enterro militar. O violão tocava a sua música completamente alheio, pouco ligando para a corneta. Parecia até que os dois não eram amigos. Aqueles olhares femininos fixos nas cinco figuras no meio do salão, aguardando um sinal ou um convite para ser a escolhida a dar uma caminhada pelo enorme aposento,

já que dançar não era possível, a não ser com música imaginada.

Demos um sinal com a cabeça para a mocinha nervosa e agitada que constantemente jogava seus longos e lisos cabelos negros para os lados, caindo sobre os ombros morenos cobertos pelo vestido colorido. Seu sorriso, ainda com todos os dentes, e brancos, quando nos aproximamos, era a própria beleza nortista, cabocla. Muito respeitosamente, iniciamos a nossa caminhada com fúteis comentários sobre a chegada das vacas até o momento em que o corneteiro parava com o seu barulho para recuperar o fôlego.

Aproveitamos a deixa para a despedida e a fuga do ambiente abafado. Atravessando a rua fomos tomar um refresco, ouvindo ainda, à distância, o final da história de um caçador, que contava sobre caçadas de onças de tamanhos gigantescos, somente interrompido ao primeiro piscar da luz, avisando que em 30 minutos chegaria a escuridão. O gerador seria desligado. Encaminhamo-nos para o hotel e. ao chegar ao guarto, lá estava a maravilha: as camas com os colchões. Estendemos sobre elas os nossos mosquiteiros verdes iá bastante usados e nos fechamos dentro para iniciar um dos sonos mais justos que até ali tivéramos.

No dia seguinte, ainda escuro, nos preparamos para decolar. Só quando estávamos em altitude de voo e com sol acima do horizonte é que verificamos que o resto da tripulação parecia estar com sarampo, todos repletos de manchas de picadas de mosquitos, as quais, como tudo naquele longínguo lugar, eram gigantes, como as bananas, os abacaxis etc. Ao divisarmos o sol no horizonte, dirigimos o nosso pensamento a Deus, como fazemos diariamente até hoje, expressando-Lhe nossos três agradecimentos: por estarmos vivos: por vivermos neste maravilhoso e grandioso país; e por termos participado de missão tão interessante no dia anterior. Nesse dia. entretanto, tivemos de acrescentar um quarto agradecimento: por termos dormido debaixo de nossos mosquiteiros!

MELANOMA O grande vilão

Maj Brig Méd Ricardo Luiz de G. Germano

É um tumor maligno (Melanoma maligno), que tem origem na degeneração dos melanócitos (células da camada superficial da pele, produtoras do pigmento denominado melanina). Incidência: Cerca de 5.670 brasileiros deverão ser acometidos de melanoma em 2016 (segundo o Instituto Nacional do Câncer), sendo que em 2013, 1.547 morreram em consequência dele. Está relacionado à exposição solar, assim como existe uma predisposição genética. É mais incidente em pessoas imunodeprimidas e naquelas acima de sessenta e cinco anos.

Diagnóstico: A precocidade do diagnóstico é fundamental no resultado final. O melanoma pode imitar um sinal benigno (nevus) ou desenvolver-se a partir deste (degeneração). A lesão é usualmente preta ou marrom, porém o melanoma pode também ser rosa, vermelho, purpúreo, azul, branco ou da cor da pele. O check-up de rotina com o dermatologista (usando o dermatoscópio) ajuda na detecção precoce de lesões suspeitas. O autoexame também ajuda, sendo as dúvidas levadas ao dermatologista. A regra ABCDE é bastante útil na caracterização das lesões:

A: Assimetria — Os melanomas são frequentemente assimétricos. Assim, uma metade é diferente da outra (não se sobrepõem); B: Bordas irregulares — Os limites da lesão são irregulares em sua grande maioria; C: Coloração disforme — A coloração não é uniforme; D: Diâmetro > 6mm — Em geral, o diâmetro da lesão, ultrapassa 6mm (diâmetro da borracha apagadora da extremidade oposta à ponta de um lápis); E: Evolução com mudanças — O melanoma evolui com alterações (na cor, no diâmetro, nas bordas, ulceração, sangramento etc.).

O nevus benigno usualmente permanece sem alterações.

É importante acrescentar que o diagnóstico definitivo é o anatomopatológico (biópsia) que orientará outras medidas terapêuticas, se necessárias, após a retirada cirúrgica do tumor.

Tratamento: Quando o diagnóstico é feito precocemente, o tratamento se restringe à cirurgia, cuja margem de segurança com tecido normal é ditada pela espessura (profundidade) do tumor. (Exemplo: 0,5 a 1 cm para o melanoma *in situ*, aquele contido na camada superficial da pele). Havendo maior espessura, invasão da camada profunda da pele, acometimento ganglionar ou de outros órgãos e tecidos; a margem de retirada deve ser maior e o serviço de Oncologia deve ser acionado para complementação do tratamento. Os principais recursos terapêuticos complementares à cirurgia são: quimioterapia e imunoterapia. Dentre estes a imunoterapia tem evoluído muito, principalmente com a chamada *terapia alvo-direcionada*. Existem dois medicamentos sendo testados por israelenses e alemães (SB202190 e

U0126) que parecem bem promissores quanto aos resultados.

Prognóstico: Se o tumor é diagnosticado precocemente, o prognóstico torna-se quase sempre favorável (curável). Por outro lado, se diagnosticado tardiamente ou não tratado, torna-se a forma mais mortal de câncer de pele.

Prevenção: Dentre os fatores predisponentes de neoplasias (entre eles o melanoma) temos: predisposição genética, meio ambiente, outras doenças, medicamentos e estilo de vida. Considerando a predisposição genética, a intervenção ainda não é idealmente eficaz. O meio ambiente quanto mais poluído e menos filtrante da luz solar será mais predisponente ao aparecimento do tumor. A radiação não solar também é favorável à doença (exames com Raios-X em excesso e contaminação radioativa do ambiente). Várias doenças são facilitadoras do aparecimento de neoplasias. Podemos citar: AIDS, neoplasias de origem hematológica, outras neoplasias. Obesidade, diabetes mellitus, doenças crônicas (entre elas: renal, hepática e cardiopulmonar). Os medicamentos que diminuem a imunidade favorecem o aparecimento de melanoma. São exemplos: principalmente imunossupressores e quimioterápicos. Com relação ao estilo de vida: tabagismo, etilismo intenso, exposição solar demasiada (entre 10h e 16h) e sedentarismo são favoráveis à neoplasia. Evitar estas condições predisponentes torna-se fundamental na prevenção.

Espero que nosso leitor tenha entendido e se convencido da necessidade do diagnóstico precoce e das medidas preventivas em relação ao melanoma











































































